



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis



congresso
internacional

Olhares de Narciso: egotismo e alienação

livro de resumos



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Congresso Internacional “Olhares de Narciso: egotismo e alienação” – Livro de Resumos

EDITORES

António Manuel Ferreira, Ana Maria Ramalheira, Carlos Morais,
Maria Fernanda Brasete, Maria Hermínia Amado Laurel, Rosa Lúcia Coimbra

CAPA

Baseada num cartaz de Sofia Almeida (SCIRP – UA)

EDIÇÃO

UA Editora – Universidade de Aveiro

1.ª EDIÇÃO

Outubro de 2019

ISBN

978-972-789-614-1

Índice

Apresentação	5
Comissões	6
Programa	8
Resumos	14
Apoios	68

Apresentação

O Congresso Internacional “Olhares de Narciso: egotismo e alienação” tem lugar na Universidade de Aveiro (Portugal), nos dias 10 e 11 de outubro de 2019.

Esta reunião científica vem na sequência de congressos realizados nos últimos anos:
2015: Caim e Abel: família e conflito;
2016: Exodus: migrações e fronteiras;
2017: Terra prometida: mitos de salvação.
2018: Arca de Noé: catástrofe e redenção.

Com esta iniciativa, pretende-se dar continuidade, reforçar e promover a investigação em áreas multidisciplinares, compreendendo a literatura, a cultura, a linguística e a tradução, bem como as suas relações com outros domínios científicos, literários, artísticos e culturais.

Painéis temáticos

- O mito de Narciso na literatura clássica;
- Receção do mito de Narciso na literatura e nas artes;
- Figurações da metamorfose;
- Discursos de sedução e egotismo na publicidade e nos media;
- Egotismo e alienação no ciberespaço;
- Interpretações psicanalíticas do mito;
- Eco de figuras metaficcionalis: o duplo, o outro, o espelho;
- Religião e narcisismo.

Comissão Organizadora

António Manuel Ferreira
Ana Maria Ramalheira
Carlos Morais
Maria Fernanda Brasete
Maria Hermínia Amado Laurel
Rosa Lúcia Coimbra

Comissão Científica

Abel N. Pena (Universidade de Lisboa)
Agnaldo Rodrigues (Unemat, Brasil)
Alex Villas Boas (PUCPR, Brasil)
Carlos A. Martins de Jesus (Universidade de Coimbra)
Carlos Ascenso André (Universidade de Coimbra)
Carlos João Correia (Universidade de Lisboa)
Carmen Isabel Leal Soares (Universidade de Coimbra)
Dalila Rodrigues (Escola Superior de Educação, Viseu)
Elisabeth Battista (Unemat, Brasil)
Erik Van Achter (KULeuven/CLP- Coimbra)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
João de Mancelos (CLLC / Universidade da Beira Interior)
José Cândido de Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa / CEFH)
Luís Adriano Carlos (Universidade do Porto)
Luís César Castrillon Mendes (Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul)
Luiz Alexandre Solano Rossi (PUC PR, Brasil)
Luiz Marchezan (UNESP Araraquara, Brasil)
Marcio Luiz Fernandes (PUC PR, Brasil)
Marcos Lopes (Unicamp, Brasil)
María Cecilia Colombani (Universidad de Morón, Argentina)
Maria do Céu Fialho (Universidade de Coimbra)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Maria Luísa Portocarrero (Universidade de Coimbra)
Maria Teresa Santa Maria Fernandez (Universidad de La Rioja, Espanha)
Marinei Almeida (Unemat, Brasil)
Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa)
Olga Castrillon-Mendes (Unemat, Brasil)
Paulo Farmhouse Alberto (Universidade de Lisboa)
Pedro Lopes de Almeida (Universidade de Brown, USA)
Vera Maquêa (Unemat, Brasil)
Vicente Artuso (PUC PR, Brasil)

e todos os membros da Comissão Organizadora



programa

Programa

Quinta-feira, 10 de outubro de 2019

08h30 – Recepção dos participantes e entrega de documentação

09h00 – Sessão de abertura (*Auditório Aldónio Gomes*)

09h15 – Conferência inaugural (*Auditório Aldónio Gomes*)

Moderação: Maria Fernanda Brasete

- Carlos João Correia (Universidade de Lisboa) – *Narciso e narcisismo*

09h45 – Sessão plenária (*Auditório Aldónio Gomes*)

Moderação: Carlos Morais

- Abel N. Pena (Universidade de Lisboa– Faculdade de Letras / CEC- Centro de Estudos Clássicos) – *O mito de Narciso como exemplo do sublime na arte e na literatura clássicas*
- Carlos Ramalheira (CHUC, Coimbra) – *Do(s) mito(s) clássicos de Narciso à caracterização moderna das Perturbações da Personalidade Narcísica*

10h45 – Intervalo

Projeção (em todos os intervalos) de “Representações do mito de Narciso na pintura”

11h15 – 12h45 – Sessões simultâneas A

MESA 1 (*Auditório Aldónio Gomes*)

Moderação: Carlos João Correia

- Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa) – *Narciso antes do espelho: o primeiro sentido do mito*
- Elisabeth Battista (UNEMAT, Brasil) – *Espelho em Gota d’Água – O insólito nos contos de Eduardo Mahon*
- Tiago Cerejeira Fontes (DF, Universidade do Minho) – *Contemplando Narciso: o mito de Narciso no De Amore de Marsílio Ficino e no Settenario de Alessandro Farra*

MESA 2 (*sala 2.5.7*)

Moderação: Maria Teresa Roberto

- João de Mancelos (Universidade da Beira Interior/CLLC) – *Kane, um narcisista com O Mundo a seus Pés*
- Ignacio Roldán Martínez (UNIR, Universidad Internacional de la Rioja) – *Espejos en el cine: alteridad en la identidad en Cisne negro*
- Virgínia Boechat (AgroParisTech) – *De monstros, feitos falsificados e espaços simulados: fake news de ontem e de hoje*

MESA 3 (*sala 2.5.8*)

Moderação: José Cândido de Oliveira Martins

- Maria do Carmo Mendes (Universidade do Minho) – *Metamorfoses de Narciso na poesia africana*
- María Rosa Alvarez Sellers (Universitat de València) – *Eco y Narciso de Calderón de la Barca: del saber platónico al espejismo de la libertad*
- Léia da Silva Gomes Torres (UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil) – *A presença do mito de Narciso na literatura contemporânea de Mia Couto*

MESA 4 (sala 2.5.9)

Moderação: Olga Maria Castrillon-Mendes

- Marcio Luiz Fernandes (PUC PR, Brasil) – *De Narciso – filho das águas – ao ethos da amizade e das lágrimas em perspectiva florenskiana*
- Ana Paula Pinto (Universidade Católica Portuguesa- Centro Regional de Braga / Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos) – *Ao espelho d’ A Noite: Narciso*
- Carlos Mesquita Severino (Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) – *Narciso nas Metamorfoses de Ovídio e na pintura de J. W. Waterhouse*

14h45 – 16h15 – Sessões simultâneas B

MESA 5 (Auditório Aldónio Gomes)

Moderação: Carlos Morais

- Carmen Isabel Leal Soares (Universidade de Coimbra) – *A loucura de Cambises da Pérsia: Heródoto em diálogo com o discurso científico hipocrático*
- María Cecilia Colombani (Universidad de Morón, Argentina) – *Narciso. Una lectura antropológico-filosófica del mito como operador de sentido*

MESA 6 (sala 2.5.7)

Moderação: Ana Maria Ramalheira

- Luiz Alexandre Solano Rossi (PUCPR, Pontifícia Universidade Católica do Paraná) – *Mito e contra-mito: uma comparação entre o mito judaico e o do antigo oriente Próximo*
- Maria José Ferreira Lopes (Universidade Católica de Braga) – *O Narciso do Condestável D. Pedro: aegritudo amoris em metamorfose cortês*
- Teresa Jorge Ferreira (IELT – NOVA FCSH / Instituto de Estudos de Literatura e Tradição / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa) – *«Narciso» de Luís de Montalvor: autorretrato como poeta decadentista*

MESA 7 (sala 2.5.8)

Moderação: Luís Adriano Carlos

- Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra) – *‘O inútil desejo de si próprio’ – três leituras do mito de Narciso na Literatura Portuguesa*
- Maria Graciete Gomes da Silva (Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa) – *O outro lado do espelho em dois contos de Dulce Maria Cardoso*
- Mireya Fernández Merino (UNIR, Universidad Internacional de la Rioja) – *Los rostros del Yo y del Otro en Doce cuentos peregrinos de G. García Márquez*

MESA 8 (sala 2.5.9)

Moderação: João de Mancelos

- Simone Paterman (École des Mines, Paris, França) – *Olhares contemporâneos de Tirésias e de Narciso: Binge Watching, Foreseeing e pensamento disruptivo*
- María José Martín Velasco (Universidade de Santiago de Compostela) – *El simbolismo de Narciso en Moby Dick: la imagen amigable de la propia muerte*
- José Vieira (Centro de Literatura Portuguesa – FLUC / Instituto de Filosofia – FLUP) – *O Líquido Retrato de Narciso – a identidade fragmentada de Dorian Gray*

16h15 – Intervalo

16h45 – 17h45 – Sessão plenária (*Auditório Aldónio Gomes*)

Moderação: Rosa Lúcia Coimbra

- Luís Adriano Carlos (Universidade do Porto) – *Narciso e a Melancolia do Outro Lado do Espelho*
- Pedro Lopes de Almeida (Universidade de Brown, USA) – *Espelhos de Narciso, mimetismos imperiais: notas à margem do Portugal de Sacheverell Sitwell e da fotografia de Gerti Deutsch*

20h00 – Jantar do Congresso

Sexta-feira, 11 de outubro de 2019

09h15 – 10h45 – Sessões simultâneas C

MESA 9 (*Auditório Aldónio Gomes*)

Moderação: Maria Hermínia Amado Laurel

- Celina Silva (Universidade do Porto) – *Salvador Dalí – Alguns Escritos; Metamorfoses de Narciso, A Vida Imaginária de Salvador Dalí e Confissões Inconfessáveis*
- Cristina Abranches Guerreiro (CEC, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) – *Alguns reflexos de Narciso na literatura e nas artes visuais*
- Ingrid Moreno Ferreira & Márcio Natalino Thamos (UNESP Araraquara – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários) – *O Mito de Dafne e Apolo sob a perspectiva da semiótica figurativa*

MESA 10 (*sala 2.5.8*)

Moderação: Marinei Almeida

- Olga Maria Castrillon-Mendes (UNEMAT, Cáceres, Brasil) – *O espelho e o diverso em Dona de Luciene Carvalho*
- Ivone Daré Rabello (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) – *Mário de Andrade e a figuração literária do narcisismo*
- Clarissa Navarro Conceição Lima & Andressa Cristina de Oliveira (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho / UNESP – Fclar) – *Doutor Simão Bacamarte e Doutor Héraclius Gloss: egotismo e alienação*

MESA 11 (*sala 2.5.9*)

Moderação: Agnaldo Rodrigues da Silva

- Thiago Cavalcante Jeronimo (Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil/ Universidade do Minho, Braga, Portugal) – *A retomada dialógica do mito de Narciso na produção de Tania Kaufmann*
- Fernanda Cassiolato Marti Sguassábria (UNESP – Araraquara/SP/Brasil) – *Aspectos do mito de Narciso no conto de fadas “A uma só”, de Marina Colasanti*
- Ana Maria Ferreira Côrtes (Doutoranda em Teoria e História Literária) & Marcos Lopes (Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/Unicamp) – *O mito de Narciso e a condição humana em uma leitura de poemas de Dora Ferreira da Silva*

10h45 – Intervalo

11h15 – 12h45 – Sessões simultâneas D

MESA 12 (Auditório Aldónio Gomes)

Moderação: Rosa Lúcia Coimbra

- Maria Hermínia Amado Laurel (DLC, Universidade de Aveiro) – *A auto-ficção nas fronteiras do egotismo: percursos do eu e mitificações em narrativas de viagem*
- Erik Van Achter (KULeuven/CLP- Coimbra) – *Johan-Mauritz van Nassau-Siegen: Narcisismo e Alienação. A experiência colonial holandesa no Brasil (1630-1654)*
- Ana Maria Ramalheira (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro) – *Hermann Hesse em diálogo com Thomas Mann: Narciso e Goldmundo, Morte em Veneza e a questão da criação artística*

MESA 13 (sala 2.5.7)

Moderação: Marcos Lopes

- Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT/AML, Brasil) – *As relações de poder no teatro guineense – egotismo e alienação em As Orações de Mansata, de Abdulai Sila*
- Marinei Almeida (UNEMAT, Brasil) – *Olhar para si, olhar para o outro: autorretrato, retrato e simulacros em Caderno de Memória Coloniais, de Isabela Figueiredo*
- Eduardo Mahon (escritor, UNEMAT, Brasil) – *A literatura mato-grossense às margens do século XXI. As ameaças aos Narcisos Cuiabanos*

MESA 14 (sala 2.5.8)

Moderação: Marcio Luiz Fernandes

- Pedro Basalo Bembibre (Universidad de Salamanca) – *Cara a Times Square, de Camilo Gonsar: um jogo de espelhos*
- Silvie Špánková (Universidade Masaryk, Brno, República Checa) – *Pesadelos de Narciso: alienação e cisão do sujeito na narrativa urbana de José Rodrigues Miguéis e Branquinho da Fonseca*
- Helena Maria da Silva Santana (DeCA, Universidade de Aveiro) & Maria do Rosário da Silva Santana (UIDI, Instituto Politécnico da Guarda) – *Donbe (1982) de Constança Capdeville: a obra onde o ego se descobre num universo outro que não o de si próprio*

15h00 – 16h30 – Sessões simultâneas E

MESA 15 (Auditório Aldónio Gomes)

Moderação: Abel Pena

- Teresa Duarte Carvalho (Sociedade Portuguesa de Autores) – *Narciso e a poesia portuguesa contemporânea – leituras de um mito*
- José Cândido de Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa / CEFH) – *Ricardo Reis de José Saramago ou o poeta narcísico*
- Marcos Lopes (Unicamp, Brasil) – *O antinarciso: hermenêutica em “O Marinheiro”, de Fernando Pessoa*

MESA 16 (sala 2.5.7)

Moderação: Maria Fernanda Brasete

- Ema Rolo (CLLC, GOVCOPP, Universidade de Aveiro) – *The Commodified Self in Screen Culture*
- Luís Carlos S. Branco (DLC-UA) – *Figurações de Narciso na obra Satanista dos Moonspell*
- Rodrigo Viriato Ramos Calisto (Universidade de Aveiro) – *Fëanor’s Egotism and Alienation in J. R. R. Tolkien’s The Silmarillion*

16h30 – Intervalo

17h00 – Apresentação de livros (*Auditório Aldónio Gomes*)

- Agnaldo Rodrigues – *Trajectórias Culturais e Literárias das Ilhas do Equador: Estudos sobre São Tomé e Príncipe*, de Inocência Mata & Agnaldo Rodrigues da Silva (Orgs.).
- António Manuel Ferreira – *A gente era obrigada a ser feliz*, de Eduardo Mahon.
- Maria Fernanda Brasete – “*Sem o direito fundamental de voltar para casa*”...*Maria Archer – Uma jornalista portuguesa no exílio*, de Elisabeth Battista.

18h00-18h30 – Conferência de encerramento (*Auditório Aldónio Gomes*)

Moderação: António Manuel Ferreira

- Alex Villas Boas (PUCPR, Brasil) – *Narciso e o desafio de uma teopoética em saída da autorreferência*

18h30 – Encerramento (*Auditório Aldónio Gomes*)

A Comissão Organizadora





resumos

Abel N. Pena

(Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras / CEC- Centro de Estudos Clássicos)

*O mito de Narciso como exemplo do sublime
na arte e na literatura clássicas*

Palavras-chave: mito, Narciso, literatura, arte, éfrase, sublime.

Esta comunicação tem como objectivo dar uma visão panorâmica da presença do mito de Eco e Narciso na literatura clássica. Focar-se-á em primeiro lugar a época imperial augustana, época em que surgem as primeiras versões gregas e latinas do mito; interrogar-se-ão as fontes mitográficas e discutir-se-á a estrutura mitogenética de Eco e Narciso tomando como principal referência a recriação poética de Ovídio nas *Metamorfoses*; em segundo lugar, focar-se-á a época dos Severos e o círculo cultural de Júlia Domna, no qual pontificava Flávio Filóstrato (séc. II-III d.C.) fundador da Segunda Sofística e autor das *Eikones* ou *Imagines*. Se a Ovídio se deve uma das mais belas expressões poéticas do mito, a Filóstrato se deve o mérito de ter convertido pinturas de uma antiga galeria de Nápoles, na qual figurava um quadro de Narciso, em obras de arte literária, recorrendo à arte (*techne*) da descrição (*ekphrasis*). De um lado o *genus* sublime da poesia, do outro o *genus* humile da prosa. Recorrendo à teoria de Sublime (*hypsos*), discutida por Dionísio Longino no *Peri Hypsous* (séc. I d.C.), pretende-se demonstrar como Ovídio e Filóstrato atingem à sua maneira uma forma de sublime onde se combina arte e poesia, *physis* e *techne*. Finalmente, o mito de Narciso marcou profundamente o imaginário cultural do Ocidente, tanto inspirando a Idade Média, como os artistas do Renascimento e a própria modernidade nas suas diversas leituras e interpretações.

Nota curricular:

Doutorado em Estudos Clássicos pela Universidade de Lisboa, é professor da Faculdade de Letras da mesma Universidade. Tem desenvolvido investigação na área da recepção dos mitos clássicos, da cultura clássica e da medicina antiga. Entre outros livros, publicou *Aristóteles, Retórica*, Manuel Alexandre Júnior, Abel Nascimento Pena (livro II), Paulo F. Alberto, Lisboa 20104, São Paulo, 20131; *Abelardo e Heloísa, Historia Calamitatum – Cartas*, Lisboa, Gulbenkian, 2008; *Revisitar o Mito / Myths Revisited*, Lisboa, Húmus, 2015; *Eco e Narciso, leituras de um mito*, Lisboa, cotovia, 2017. Entre 2004-2008, foi Investigador Responsável do projecto *Mythos* (FCT/CEC). Desde 2013 é Coordenador do CEPLÉ (Centro de Exames de Português Língua Estrangeira) da Faculdade de Letras de Lisboa e Vice-presidente do Réseau International 'Le phénomène littéraire aux premiers siècles de notre ère'. É membro e investigador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Agnaldo Rodrigues da Silva

(UNEMAT/AML, Brasil)

*As relações de poder no teatro guineense
- egotismo e alienação em
As Orações de Mansata, de Abdulai Sila*

Palavras-chave: Teatro Guineense; Abdulai Sila; *As orações de Mansata*; Relações de Poder; Egotismo e Alienação.

As Orações de Mansata (2007) é a primeira peça teatral do período pós-independência da Guiné-Bissau. A obra adota a estratégia peculiar do teatro político, uma vez que se empenha em discutir alguns pontos cruciais da sociedade e da cultura, em um cenário de ressignificação da memória e construção da identidade. Trata-se de um texto que faz uma releitura do clássico *Macbeth*, do dramaturgo inglês William Shakespeare, no qual Abdulai Sila contextualiza a temática do abuso de poder à realidade africana, reunindo personagens egóticas e alienadas que perseguem a ascensão social e política, em plena articulação entre traição e morte. Nesse sentido, o egotismo revela-se nas personagens, assim como nos seus destinos trágicos, diante do determinismo realista que assola historicamente o caráter do homem. O drama concretiza-se pela presença da morte, em que o ritual de coroação e destronamento é fato recorrente, no confronto entre personagens superiores e subalternas, em espaço e tempo de extrema assimetria social.

Nota curricular:

Agnaldo Rodrigues da Silva é Professor na Universidade do Estado de Mato Grosso e membro da Academia Mato-Grossense de Letras/Brasil. Publicou obras de criação literária, tais como: *A penumbra – contos de introspecção* (2004), *Mente Insana* (2008) e *Dose de Cicuta* (2010). Das obras de crítica, destacam-se os livros: *Projeção de mitos e construção histórica no teatro trágico* (2008), *O teatro mato-grossense: história, crítica e textos* (2010), *Do texto à cena - entre o teatro grego e o moderno teatro brasileiro* (2014), *Plínio Marcos – o signo de um tempo mau* (2016), *Trajetórias Culturais nas Ilhas do Equador – Literaturas e Culturas de São Tomé e Príncipe* (2018), sendo este último organizado em conjunto com a escritora Inocência Mata.

Alex Villas Boas

(PUCPR, Brasil)

*Narciso e o desafio de uma teopoética
em saída da autorreferência*

Palavras-chave: Mito de Narciso, Autorreferência, Teopoética, Imaginário, Imago Dei.

O mito de Narciso, de Ovídio (43aC – 17/18dC) em sua obra *Metamorfoses* inspira Jacques Lacan na compreensão da gênese do eu como um surgimento, ou seja, a “formação” do eu é um “novo ato psíquico”. Ocorre então, uma passagem entre o “eu ideal” [*Ideal Ich*] e o “ideal do eu” [*Ich Ideal*]. A criança nasce nessa condição de “ideal do eu”, que é a recuperação do próprio narcisismo dos pais e familiares, enquanto sonhos e expectativas não realizadas, que Freud chama de *narcisismo primário*, e no qual é lançado o recém-nascido. Assim, na formação [*Bildung*] do eu, a imagem [*Bild*] tem uma função importante na história, entre o “ideal do eu” e o “eu ideal” (1914: 10-37). Lacan verá nisso que há algo na imagem que é capaz de transformar, ou ainda, libertar, considerando o problema da formação do eu e sua articulação com a formação do sujeito. Partindo então de uma leitura crítica de personalidade identifica três parâmetros, que são três exigências para a noção de sujeito: 1) Função de Síntese; 2) Desenvolvimento biográfico; 3) Tensão nas relações sociais. Dessas exigências desenvolve três atributos da personalidade imaginária: *síntese*, *intencionalidade* e *responsabilidade* ou *consciência ética*. Desta relação entre imagem e processo de subjetivação se impõe a apropriação do imaginário cultural em que o sujeito está situado, e dentro dela, emerge a questão da imagem de Deus, que interfere visceralmente na constituição da personalidade, pois desde a perspectiva teológica cristã o ser humano é *imago Dei*. Se impõe tanto para a Literatura como para a Teologia a tarefa de ressignificação do imaginário como forma de itinerário de uma imagem infantilizada e infantilizadora de mundo para uma imagem de si e do que se chamou Deus no Ocidente promotora de uma consciência ética adequada aos dilemas contemporâneos, ou ainda como se dizia na teologia clássica, quando a *conversio ad phantasmata* se torna uma *conversio ad historiam*.

Nota curricular:

Alex Villas Boas é Investigador Principal no Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa (CITER UCP). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2017-2019). Professor visitante no Programa de História e Teoria Literária da UNICAMP e Editor da Teoliterária – Revista de Literaturas e Teologias.

Ana Maria Ferreira Côrtes¹

Marcos Lopes

(Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/Unicamp)

*O mito de Narciso e a condição humana em
uma leitura de poemas de Dora Ferreira da Silva*

Palavras-chave: Dora Ferreira da Silva; literatura brasileira; poesia brasileira; mito; mito de Narciso; sagrado.

Esta comunicação discutirá o modo como se articulam as elaborações do mito de Narciso à tentativa de (re)atribuição de sentidos à existência humana que identificamos no projeto poético da escritora brasileira Dora Ferreira da Silva (1918-2006). Com este objetivo, pretendemos analisar poemas selecionados de *Andanças* (1940), *Uma via de ver as coisas* (1973) e *Hídrias* (2004), obras as quais, em nossa leitura, representam momentos decisivos em sua poética e nas quais a poeta retoma, direta ou indiretamente, o mito de Narciso. A obra de Silva, que possuía ascendência grega e foi tradutora das obras de C. G. Jung para o português, retoma diferentes tendências poéticas, dentre as quais sua fortuna crítica aponta como das mais determinantes a mitologia grega e as imagens ou representações arquetípicas da condição humana. Em nossa análise do corpus poético, partimos da hipótese de que uma das preocupações centrais da escrita poética de Silva é pensar e atribuir sentido à existência humana, o que a poeta faz, em grande medida, retomando e atualizando imagens míticas, como a de Narciso. Essa imagem se destaca na obra da poeta, aparecendo em suas diferentes versões e com base em imagens como espelhos, água, sombras e a relação entre o eu e o outro. A poesia é, não raras vezes, aludida por Silva, como lugar de retorno a um tempo primordial e sagrado, e a retomada dos antigos mitos seria uma maneira de a poeta se aproximar e revelar o sentido da existência humana, simultaneamente reconhecendo e escapando à perecibilidade da vida, com base na reconstrução do instante inicial e primeiro, a partir da palavra poética.

Notas curriculares:

Ana Maria Ferreira Côrtes: doutoranda do Programa de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp (2019). Mestre pelo mesmo programa e bolsista CAPES (2017-2019) com a pesquisa “A respiração das coisas: o sagrado da poesia em uma leitura da poética de Sophia de Mello Breyner Andresen” (2019). Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-2016).

Prof. Dr. Marcos Lopes: professor da Área de Literatura Portuguesa e Brasileira, no Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. É pesquisador de temas relacionados à secularização, espiritualidade e poesia. Coordena desde 2016, com Jefferson Cano, o Centro de Estudos Literários, Teorias do Fenômeno Religioso e Artes (CELTA), vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ana Maria Ramalheira

DLC/CLLC, Universidade de Aveiro

Hermann Hesse em diálogo com Thomas Mann: Narciso e Goldmundo, Morte em Veneza e a questão da criação artística

Palavras-chave: Hermann Hesse, Thomas Mann, Decadentismo, Romantismo, narcisismo, forças apolíneas, forças dionisiacas, arte e vida.

Os 18 anos que medeiam a publicação das narrativas *Narziss und Goldmund* (1930), de Hermann Hesse, e *Tod in Venedig* (1912), de Thomas Mann, terão contribuído para aprofundar um diálogo mais ou menos subliminar que se estabelece entre as obras de dois dos escritores de língua alemã mais representativos da primeira metade do século XX e ambos detentores do Prémio Nobel da Literatura. Apesar das suas personalidades distintas, a verdade é que Hesse e Mann mantiveram uma relação de admiração literária mútua, como ressuma da sua troca de correspondência e ainda dos rasgados elogios públicos de Mann à obra de Hesse. Partindo de uma contextualização histórico-literária das obras supramencionadas e de uma análise das tensões interiores que movem as respetivas personagens, designadamente da dialética que as ilumina reciprocamente, esta comunicação centrar-se-á na abordagem que sobreleva das duas narrativas da questão da obra de arte e do processo de criação artística

Nota curricular:

Ana Maria Ramalheira é Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (UA), onde exerce funções docentes nas áreas da Literatura, Cultura e Língua Alemãs. Foi membro do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos (CIEG, Univ. de Coimbra) desde a sua fundação até ao final de 2007, data a partir da qual passou a integrar o Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC) da UA. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Coimbra, onde obteve também o grau de Mestre em Literatura Comparada. Doutorou-se na UA com a tese *Alcácer Quibir e D. Sebastião na Alemanha. Representações Historiográficas e Literárias (1578-ca.1800)*. Tem desempenhado diversos cargos institucionais, sendo actualmente diretora do Curso de Mestrado em Línguas e Relações Empresariais da UA, diretora da RUA-L. *Revista da Universidade de Aveiro—Letras* e presidente do Conselho de Curadores da Fundação Marion Ehrhardt. É autora de um vasto número de publicações, maioritariamente no âmbito na área dos estudos de recepção e da hermenêutica intercultural.

Ana Paula Pinto

Universidade Católica Portuguesa- Centro Regional de Braga
Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa
(Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos)

Ao espelho d' A Noite: Narciso

Palavras-chave: Narciso, Eco, Ovídio, Mitologia Antiga, Elie Wiesel.

Narciso garante na Mitologia e Literatura Antiga uma aura de enigmática singularidade: algumas alusões esparsas a tradições locais - veiculadas entre outros pelo afã descritivo de Pausânias, Cónon, Filóstrato o Velho e Calístrato o Sofista- e corroboradas aliás pela etimologia antiga do antropónimo, permitem supor como provável que, antes de ocorrer no enquadramento narrativo perfeitamente definido – e mais conhecido – das Metamorfoses de Ovídio, a narrativa já tivesse enraizadas no terreno fértil do imaginário mítico antigo algumas versões controversas. Elas não terão tido, no entanto, ao que podemos concluir pela tradição estético-literária, uma notória projecção na mundividência antiga.

Obscuramente associado a outros mitos que com ele comungam traços significativos de amplo espectro simbólico (como o de outros jovens seviciados), chama a atenção, na interpretação do mito, a notação obsidiante, que a intuição dos artistas soube exaustivamente cativar no amplo arco temporal desenhado entre a Antiguidade e os nossos dias, de uma solidão intransitiva do ser diante de si mesmo, isto é, do seu próprio reflexo; a articulação poética proposta por Ovídio entre os infortunados destinos de Eco e Narciso permitirá multiplicar essa solidão numa especularidade refractiva, que convoca simultaneamente a voz e o olhar, enquanto vectores de emissão e recepção, isto é, de comunicação.

Partindo do pretexto poético oferecido pelas notações da Literatura Antiga, propomo-nos com esta comunicação tentar a hermenêutica dos ecos simbólicos do mito, e da sua peculiar acutilância no enquadramento das modernas tragédias do nosso quotidiano. A esse propósito interessa-nos trazer à colação, na moldura trágica do Holocausto, uma leitura simbólica de A Noite, de Elie Wiesel.

Nota curricular:

Com licenciatura em Humanidades (1989) e Doutoramento (2007) em Literatura Grega, é Professora Auxiliar da UCP (CRBraga), onde lecciona desde 1990 várias unidades curriculares, sobretudo da área dos Estudos Clássicos. É membro integrado do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH) da mesma instituição. Tem privilegiado na investigação temas de Língua e Literatura Grega e Latina, Cultura, Religião e Mitologia Clássicas, e sua recepção na Literatura Portuguesa. Tem participado como conferencista e organizado vários encontros científicos internacionais sobre a pervivência de temas e autores da Antiguidade, e publicado vários textos daí resultantes. É Professora Bibliotecária da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, e Secretária da *Revista Portuguesa de Humanidades*, da FFCS.

António Carlos de Paiva Ramalheira

CHUC, Coimbra

Do(s) mito(s) clássicos de Narciso à caracterização moderna das Perturbações da Personalidade Narcísica

Palavras-chave: Personalidade narcísica, mitos.

Numa sintética apresentação visa-se ilustrar como o(s) mito(s) clássico(s) de Narciso, veiculando ricas descrições tipológicas, contribuíram para ajudar a descrever e a delimitar tipologias caracteriais patológicas, porque extremas e inflexíveis na sua manifestação. No mesmo passo, pretende-se ilustrar como as tipologias nosográficas clínicas têm evoluído de concepções diatésicas, categoriais, exploradas sobretudo analiticamente, para abordagens de natureza essencialmente dimensional, baseadas em traços empiricamente mensuráveis.

Nota curricular:

António Carlos de Paiva Ramalheira é médico consultor graduado em Psiquiatria do Centro de Responsabilidade Integrada de Psiquiatria e Saúde Mental do CHUC – Centro Hospitalar Universitário de Coimbra, onde se formou e especializou, e onde actualmente exerce actividade clínica, e Mestre em Gestão e Administração Pública pela Universidade de Aveiro. Foi assistente convidado da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra durante 30 anos, leccionando, quer a nível pré-graduado, quer de pós-graduação, disciplinas afins à Saúde Pública e Epidemiologia, Análise de dados e Estatística, bem como temas de Psiquiatria e Saúde Mental. Exerceu ainda actividade de gestão como Delegado Regional do Centro do Instituto da Droga e da Toxicodependência, IP (2005-2012) e foi membro eleito dos Conselhos Regional do Centro e Conselho Nacional Executivo da Ordem dos Médicos, bem como membro eleito do Colégio de Especialidade de Psiquiatria da mesma Ordem. É actualmente membro eleito da Direcção da SPPSM - Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental e membro da Comissão Organizadora do XIX Congresso Mundial de Psiquiatria da WPA – World Psychiatric Association.

Carlos João Correia

(Universidade de Lisboa)

Narciso e narcisismo

Palavras-chave: Narciso; Narcisismo; Ovídio; mitologia; subjectividade

O narcisismo, na sua dupla forma (primário e secundário), é habitualmente pensado como uma conceptualização dos mitos e narrativas, elaborados na Antiguidade Clássica, em torno da figura de Narciso. Mostraremos que essa leitura dos textos clássicos é um erro e que o mito de Narciso aponta para aquilo que Julia Kristeva designava, utilizando a terminologia latina, como “novitasque furoris”, um “novo tipo de loucura”. Associado a este tipo de delírio encontram-se, a nosso ver, as raízes da própria subjectividade humana.

Nota curricular:

Carlos João Correia é Professor Associado da Universidade de Lisboa. Obteve o doutoramento na mesma Universidade como uma tese sobre a filosofia de Paul Ricoeur. Publicou diferentes livros e mais de uma centena de artigos científicos. É o actual presidente da Associação Filosófica e Cultural “O que é?” e da Associação Interdisciplinar para o Estudo da Mente. Director da revista philosophy@lisbon. <https://ccorreia@academia.edu>

Carlos Mesquita Severino

(Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Narciso nas Metamorfoses de Ovídio e na pintura de J. W. Waterhouse

Palavras-chave: Narciso; *Metamorfoses*; Ovídio, J. W. Waterhouse; representação; iconografia;

J.W. Waterhouse manteve desde que começou a expor, em 1872, até ao fim da sua vida, em 1917, uma constante relação com os textos clássicos, designadamente com as *Metamorfoses* de Ovídio, com base nas quais produziu sete admiráveis telas e vários estudos. Uma dessas obras – *Echo and Narcissus* (1903; Walker Art Gallery, Liverpool; óleo sobre tela, 109cmx189cm) – é sobejamente conhecida, ao ponto de ter sido a imagem mais reproduzida da galeria a que pertence. Aliás, a própria galeria foi pioneira na compra dos direitos de reprodução quando a adquiriu na *Liverpool Autumn Exhibition*, em 1903, ao artista inglês. Além desta obra, o pintor ainda evocou o mito de Narciso numa outra tela de 1912, cuja composição retrata um florido prado inglês.

Propomo-nos analisar o texto latino de Ovídio e relacioná-lo com estes dois quadros do artista, evocando aspetos relacionados com a composição dos quadros, opções artísticas, compra e aquisição, entre outros aspetos.

Nota curricular:

Carlos Mesquita Severino é professor de português e línguas clássicas no quadro da Região Autónoma dos Açores. Licenciado e mestre em Estudos Clássicos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com a tese *Representações das Metamorfoses de Ovídio em J. W. Waterhouse*, é também pós-graduado em Cultura Portuguesa Contemporânea. Tem-se dedicado, entre outros aspetos, ao ensino e formação de adultos em contexto prisional.

Carmen Soares

(Universidade de Coimbra)

*A loucura de Cambises da Pérsia:
Heródoto em diálogo com o discurso científico hipocrático*

Palavras-chave: doenças mentais, discurso científico, Hipócrates, Heródoto, Cambises, Cleómenes.

Produto de um ambiente cultural de efervescência do pensamento científico, os textos que marcam o nascimento da medicina e historiografia gregas oferecem uma partilha de princípios no que se refere à explicação das doenças do foro psicológico que exploraremos neste estudo. Tomam-se por objeto de estudo comparativo o tratado hipocrático *De morbo sacro* e os episódios das *Histórias* que relatam a vida e morte dos reis Cambises da Pérsia (3. 27-38, 62-66) e Cleómenes de Esparta (6. 75-84). A pergunta de investigação norteadora da análise é a seguinte: quais os aspetos convergentes e diferenciadores das explicações médica e historiográfica para situações de perturbação mental? Os resultados preliminares obtidos permitem apontar para o convívio entre causas sobrenaturais e naturais, coincidindo estas últimas no relevo conferido à *diata* ('regime ou modo de vida') e às características individuais do sujeito (temperamento e genética).

Nota curricular:

Carmen Soares é professora associada com agregação da Universidade de Coimbra (Faculdade de Letras). Tem desenvolvido a sua investigação, ensino e publicações nas áreas das Culturas, Literaturas e Línguas Clássicas, da História da Grécia Antiga e da História da Alimentação. É diretora da revista *Humanitas* e do doutoramento em "Patrimónios Alimentares: Culturas e Identidades". Pertence à estrutura de direção do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e integra o Conselho Científico do Instituto Europeu de História e Culturas da Alimentação (Tours, França).

Celina Silva

(Universidade do Porto)

*Salvador Dali- Alguns Escritos; Metamorfoses de Narciso,
A Vida Imaginária de Salvador Dali e Confissões Inconfessáveis*

Palavras-chave: Salvador Dali

"Aquilo que escrevo é de longe muito superior ao que pinto", partindo desta afirmação de Dali propõe-se uma leitura de alguns textos (literários, ensaísticos e outros) da sua autoria onde a postura narcísica auto-consciente se torna veículo de uma construção identitária onde performance e "paranoia crítica" se articulam.

Clarissa Navarro Conceição Lima

Andressa Cristina de Oliveira

(Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP – Fclar)

*Doutor Simão Bacamarte e Doutor Héraclius Gloss:
egotismo e alienação*

Palavras-chave: Literatura comparada, Guy de Maupassant, Machado de Assis, Mito de Narciso, Loucura, Contos.

Neste trabalho, propomos comparar um conto brasileiro O Alienista, de Machado de Assis e um conto francês Le Docteur Héraclius Gloss, de Maupassant. Dois autores contemporâneos do fim do século XIX que têm muito em comum: mestres contistas irônicos e críticos da natureza humana. Os dois contos tratam dos temas da loucura e do egotismo. As personagens principais são dois eruditos que vão fundo em suas pesquisas e se encontrarão na mais profunda sandice e alienação. Trabalhamos com a presença da dialética de Hegel na construção de ambos os contos. Segundo o filósofo, grosso modo, para se descobrir a verdade, dever-se-ia criar uma tese, em seguida, uma antítese e por fim, uma síntese. As personagens vão até o segundo estágio e não chegam a nenhuma síntese, perdendo-se, ambas, na loucura. Trabalhamos a narrativa “estilo ampulheta”, ou seja, o conto começaria com a tese, em seguida, as narrativas passam por uma modificação, o vértice da ampulheta, e mudam suas teorias, mudando as areias de lugar, tendo passado o tempo, mas não tendo mudado grande coisa, não tendo chegado em uma síntese ou uma conclusão de suas teorias, por isso: a ampulheta e Hegel. Comparamos também as narrativas com o mito de Narciso de Metamorfoses, de Ovídio. O egotismo mostrado primeiramente em Ovídio nos leva à seguinte questão: até que ponto o ego exacerbado e o amor por si mesmo e pela crença na sua própria beleza ou inteligência podem levar à loucura? Nos contos analisados, as personagens terminam suas sagas em hospícios, enquanto Narciso, alimentado pela sua loucura, como o próprio poeta diz, morre à beira da fonte que refletia sua imagem. O foco deste trabalho é, pois, a questão da loucura, do egotismo e da alienação tendo como base teórica os autores: Brunel e Pichois, Rousseau, Candido, Cortázar, entre outros grandes estudiosos da literatura.

Nota curricular:

Clarissa Navarro Conceição Lima é graduada em Letras – Português/Inglês (2014), pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e em Letras – Português/Francês (2017), pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Fclar). É mestre em Estudos Literários (2017) pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNESP-Fclar e atualmente é doutoranda no mesmo Programa pesquisando no campo da literatura comparada, francesa e brasileira.

Cristina Abranches Guerreiro

(CEC / FLUL)

*Alguns reflexos de Narciso
na literatura e nas artes visuais*

Palavras-chave: Narciso; Sophia de Mello Breyner; Andreia Penso Pereira; Francisco Vieira; Ricardo Jacinto.

Com texto de Andreia Penso Pereira e ilustrações de Ana gravado, o conto “O Narciso com pelos no Nariz” venceu, em 2018, a 5ª edição do Prémio de Literatura Infantil Pingo Doce, que tem por objectivo incentivar a criatividade literária e artística, premiando obras originais que ajudem a promover o gosto dos mais novos pela leitura.

Analisar este texto como recepção do mito de Narciso é o objectivo desta comunicação. A referência ao primeiro volume da *Obra Poética* de Sophia de Mello Breyner Andresen (que deleita o jovem protagonista do conto) serve de pretexto à análise de duas composições da autora, inspiradas na figura de Narciso (1939, 1949).

Serão ainda analisados dois reflexos do mito nas artes plásticas: *Narciso na Fonte (ou Eco e Narciso)* de Francisco Vieira (óleo sobre tela de 1797, que desde 2014 integra o património do Museu Nacional de Arte Antiga) e *O (de Eco a Narciso)* de Ricardo Jacinto (instalação multimédia de 1998, que integra o acervo da Fundação Caixa Geral de Depósitos –Culturgest).

Nota curricular:

Doutorada em Literatura Grega (com uma dissertação intitulada *Os sonhos régios da Pérsia nas Histórias de Heródoto*), Cristina Abranches Guerreiro tem publicado estudos sobre historiografia grega e sobre a pervivência dos clássicos na literatura. Com mais de três décadas de serviço docente no Departamento de Estudos Clássicos da FLUL, colabora desde 2006/2007 no Mestrado em Ensino da Universidade de Lisboa, no âmbito da Didáctica das Línguas Clássicas.

Eduardo Mahon

(escritor, UNEMAT, Brasil)

A literatura mato-grossense às margens do século XXI *As ameaças aos Narcisos Cuiabanos*

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Regionalismo, provincianismo e nacionalidade. Identidade cuiabana. Conservadorismo e modernidade.

“Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais” (Machado de Assis: “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, 1873)

A literatura consolidou-se em Mato Grosso-Brasil há cerca de 100 anos, comungando do projeto romântico-nativista brasileiro de procura pela identidade. Entretanto, mesmo com o surgimento de outros estilos, o Estado aprofunda-se na cristalização de uma imagem regionalizada e, portanto, apartada das tendências nacionais. O irreverente grupo denominado “Geração Coxipó” nasceu nos fins dos anos 80, prometendo romper com o longo percurso romântico e parnasiano da literatura. Talvez tenham os autores logrado êxito na atualização estilística, mas conservaram a antiga pauta centrada em Cuiabá, dessa vez ameaçada pelos intensos fluxos migratórios que mudaram o curso da literatura produzida em Mato Grosso.

Nota curricular:

Eduardo Mahon é escritor e aluno regular do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil.

Elisabeth Battista

(Unemat, Brasil)

Espelho em Gota d'Água –
O insólito nos contos de Eduardo Mahon

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Contos; Narcisismo; Eduardo Mahon.

No percurso histórico da literatura, o mito de Narciso tem influenciado diversos autores clássicos, modernos e contemporâneos e, da mesma forma se expande por outras formas de conhecimento como a Psicanálise, a Filosofia, as Artes em geral. O labirinto de enigmas impulsiona, cada vez mais, um maior interesse pela análise de textos principalmente, no que concerne às questões relacionadas às expressões do narcisismo. A concepção da literatura como imagem presa no espelho inscreve-se na produção literária de Eduardo Mahon e o nosso estudo consiste na leitura de narrativas selecionadas do referido autor brasileiro, que produz literatura em Mato Grosso. Nelas a carga dramática que dá sentido em quase todos os âmbitos, pois o gênero fantástico, a intertextualidade e memória textual, constituem-se de duplos em meio aos enredos, de seus contos breves selecionados para este estudo: “Maurício”, “Caso perdido”, “Doutor Funério”, “A Mancha na família”, “A nova condição de Ibsen Schüller” e “Hipo”. Nos contos selecionados depreende-se a atmosfera de mistério e dualidade diluídos em enredos envolventes em que nomes, cenas, lugares, objetos e outros aspectos são extremamente dotados de significações simbólicas.

Nota curricular:

Elisabeth Battista é Docente lotada Faculdade de Educação e Linguagem- FACEL, *Campus* Universitário Jane Vanini – Cáceres, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Atua no Programa de Pós-graduação, Mestrado e Doutorado em Estudos Literários PPGEL. É autora do livro, *MARIA ARCHER - O legado de uma escritora viajante*, lançado pela editora Colibri, Lisboa. Possui dois livros organizados; 26 capítulos de livros, 17 artigos publicados em periódicos; Pós-Doutorado na Universidade de Lisboa (2011-2012), e Pós-doutorado *Sênior* pela Universidade de Aveiro (2018), no Centro de Línguas e Culturas, sob a supervisão da Professora Maria Fernanda Amaro Brasete.

Ema Rolo

(Universidade de Aveiro, CLLC, GOVCOPP)

The Commodified Self in Screen Culture

Keywords: screen culture, individualistic consumer identity.

Fostering desire perpetuates consumption-driven identity projects. As traditional societal structures and institutions come apart, technological regulation prevails extending control through the global flows of images in a society that appears to encourage-self-indulgence and individuality in its most blatant forms. While screen culture market structurally supports consumer imagination and the self-presentation of identity projects, it also involves the rearrangement of our lives and relationships, as they tend to come into contact with marketplace offerings and symbolic resources. People try to become the being they desire to be by consuming the items that scaffold the identities created in their imagination. Thus consumers create identities as they situate themselves concerning consumer goods, symbols, or experiences. Through an extensive literature review, this oral contribution aims to discuss the societal significance of individualistic consumer identity projects through the eclectic borrowing of the fragments available within a screen culture that places the individual center stage and perpetuates fulfillment.

Nota curricular:

Ema Rolo is a Ph.D. student of Cultural Studies and member of the research unit Languages, Literature and Cultures Research Centre (CLLC) and Governance, Competitiveness and Public Policy (GOVCOPP) at the University of Aveiro. Her research interests comprise Consumer Behavior, Social and Cultural Anthropology and Visual Anthropology.

Erik Van Achter

(KULeuven/CLP, Coimbra)

Johan-Mauritz van Nassau-Siegen: Narcisismo e Alienação. A experiência colonial holandesa no Brasil (1630-1654).

Palavras-chave: narcisismo, alienação, Nova Holanda, experiência colonial, Nassau.

Por pouco tempo, menos do que três décadas, os holandeses se aproveitaram das fundações coloniais lançadas pelos portugueses no Brasil, após a "descoberta casual" de Cabral. Johann Mauritz van Nassau-Siegen, governador da nova colônia, sendo um narcisista de primeira classe, tinha sua biografia escrita no mais puro latim clássico quando deixou o empreendimento. Comportando-se como um príncipe renascentista tardio, introduziu legislação avançada e a tolerância religiosa no nordeste de Brasil. No entanto, seus esforços para pacificar o então escassamente povoado e selvagem Nordeste também brota da pura alienação que os sitiantes calvinistas encontraram numa área católica e especialmente do contato com as populações indígenas. A presente contribuição mostra o mecanismo sofisticado entre alienação e narcisismo nos artefatos culturais que remontam a este período muitas vezes esquecido. A comunicação utiliza o livro *De Nieuwe en Onbekende Weereld* (o Mundo Novo e Desconhecido) publicado em Amsterdão em 1671 e pinturas –retratos reais, quase realistas - da natureza e das pessoas por mestres como Albert Eeckhout e Frans Post. Citando as memórias escritas por Georg Marcgraf (astrônomo) e Willem Piso (físico) duas figuras de destaque marcando esta época em aprecho, chega-se a conclusão que a vangloria é feita tanto de narcisismo do que de alienação.

Nota curricular:

Erik van Achter é professor associado na Faculdade de Engenharia Aplicada, KULeuven (Flandres, Bélgica). Doutorou-se em Literatura Portuguesa pela Universidade de Utrecht. Recentemente completou sua pesquisa de pós-doutoramento na Brown University (EUA), estudando o gênero ciclo de contos. É colaborador regular de *Forma Breve* (Universidade de Aveiro).

Fernanda Cassiolato Marti Sguassábia

(UNESP – Araraquara/SP/Brasil)

Aspectos do mito de Narciso no conto de fadas “A uma só”, de Marina Colasanti

Palavras-chave: Mito de Narciso, Maria Colasanti

Quando o rei se depara com o sofrimento de sua filha que deseja ter uma amiga para brincar e com quem estabelecer verdadeiros laços de amizade, a solução que ele encontra é presentear-lhe com o maior espelho do castelo, que traz à princesa o mundo de sua imaginação. Nesta moldura de ilusões ela se depara e se encanta com sua própria imagem refletida, acreditando ser o outro que tanto buscava, fazendo referência interdiscursiva ao mito de Narciso. A partir daqui a princesa enfrentará dificuldades ao longo de sua jornada em busca do autoconhecimento até que, pela última vez, depara-se com seu reflexo, então, no lago. Este trabalho de análise literária do conto “A uma só”, da escritora Marina Colasanti, embasa-se na teoria sobre molduras, comumente empregada em estudos sobre artes visuais, mas que recentemente tem sido abordada também na literatura. Tal teoria aqui se justifica, pois o mundo imaginário de felicidade e brincadeiras da menina é delimitado primeiramente pelo espelho e, posteriormente, pelas margens do lago onde ela vê seu reflexo pela última vez e que já não mais representa sua imaginação, mas sim, seu eu interior. Para tanto, serão utilizados Ortega y Gasset, em *Meditación del marco*, como também Pere Ballart, na obra *El contorno del poema*. Os fundamentos acerca da intertextualidade, significativa no conto em razão do diálogo com o mito de Narciso, de Ovídio, apoiar-se-ão no livro *Intertextualidade*, Tiphaine Samoyault

Nota curricular:

Graduada em Letras (2004) pela Universidade Estadual de Londrina, com Especialização em Literatura Brasileira (2005) também pela UEL. Licenciada em Pedagogia (2016). Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Há onze anos trabalha no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza como professora de língua portuguesa, literatura e comunicação profissional em cursos de ensino médio e técnico.

Helena Maria da Silva Santana

(DeCA, Universidade de Aveiro)

Maria do Rosário da Silva Santana

(Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior, Instituto Politécnico da Guarda)

*Double (1982) de Constança Capdeville:
a obra onde o ego se descobre num universo outro que não o de si próprio*

Palavras-chave: Double; Constança Capdeville; Teatro musical; obra aberta; egotismo; alienação.

Constança Capdeville (1937-1992) exerceu a sua atividade criadora em vários domínios, sendo que a contante aliança entre a música e a arte cénica aparece ligada ao teatro musical. O som, o espaço sonoro e o espaço das artes multimédia, teatral e plástica, merecem, da sua parte, uma atenção detalhada, sendo que se encontram identicamente em estreita relação com o corpo e uma gestualidade performativa inerente à criação/interpretação da sua obra. Com uma componente pluridisciplinar muito forte e uma apetência marcada pela forma aberta, onde os materiais são repetidos de forma contínua tornando-se o processo de desenvolvimento da obra um processo iminentemente estático, a sua obra reflete ainda a influência de vários autores, nomeadamente Cage, Schwitters, Berio ou Kagel; mas também de Lorca, Joyce, Cendrars, Poe ou Elliot; e nesta obra, Picasso e Dalí. Do ponto de vista técnico utiliza a colagem, denotando a influência de Dalí ou Picasso. Utiliza igualmente a justaposição e a intertextualidade. Segundo a autora, a sua obra contém ainda uma mística incessante, bem como uma dialética com o invisível. Neste sentido, e através da obra *Double* (1982), pretendemos mostrar como a autora reflete sobre o Mito de Narciso, o Egotismo e a Alienação que dele se desprende pelo diálogo que estabelece consigo mesmo num despreendimento total com o demais. Através da análise da obra em apreço iremos perceber de que forma uma interpretação pode revelar os conteúdos imagísticos e imagéticos propostos pela autora revelando o eu e o outro, num diálogo e confronto entre elementos díspares num contraponto intenso e revelador.

Notas curriculares:

Helena Santana estudou Composição Musical na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto. Em 1998 obteve o grau de Docteur na Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV). Desde 2000, desempenha as funções de Professor Auxiliar no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro. Pertence à unidade de Investigação – Inet-MD -, realizando diversa investigação no domínio da música contemporânea.

Rosário Santana estudou Composição Musical na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto. Em 1998 obteve o grau de Docteur na Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV). Desde 1999, desempenha as funções de Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico da Guarda. Pertence ao INET-MD, desenvolvendo investigação em diversos domínios da música e musicologia contemporâneas.

Ignacio Roldán Martínez

(UNIR, Universidad Internacional de la Rioja)

Espejos en el cine: alteridad en la identidad en Cisne negro

Palabras clave: espejo, cisne, Narciso, cine, identidad, alteridad

Cisne negro (Black Swan, 2010) es una película estadounidense dirigida por Darren Aronofsky. La protagonizan Natalie Portman, Vincent Cassel, Mila Kunis, Barbara Hershey y Winona Ryder. Narra la elección de Nina, perteneciente a una compañía de ballet de Nueva York, para interpretar el papel de bailarina principal en El lago de los cisnes, de Tchaikovski, y su lucha por hacerse con la esencia no solo del cisne blanco, sino también del negro. Nina vive bajo una triple presión: la de su madre, quien se retiró del ballet al quedar embarazada de Nina; la del director de la obra, que exige de ella la perfección; y la de Lily, compañera que amenaza con robarle el papel. Conforme avanza la acción, Nina ve cómo su obsesión hace que aflore su otro yo, negro reflejo del blanco de su superficie, y cómo le es cada vez más difícil distinguir la realidad de la ficción. Es relativamente fácil reconocer en la trama los motivos esenciales del ballet de Tchaikovski, sobre todo si atendemos a las figuras de Odette y de Odile, que se corresponden con las de las bailarinas Nina y Lily; pero resulta también sugerente remontarse al mito de Narciso, al considerar a una como reflejo de la otra, y por lo tanto alteridad en la identidad. No solo lo corrobora el juego de los reflejos en los espejos, sino también la concurrencia de motivos como las flores, la autosatisfacción sexual y diversas señales que llevan a percibir una necesidad detrás de los acontecimientos.

CV:

Ignacio Roldán Martínez, doctor por la Universidad de Navarra y profesor en la Universidad Internacional de La Rioja (UNIR), ha formado parte del grupo de investigación “Dios en la literatura contemporánea” y participado en la creación de la Biblioteca Electrónica Textual del Teatro en Español (BETTE), codificada por el grupo GHEDI de la UNIR. Investiga, además, sobre Literatura paraguaya y sobre la identidad a partir del espacio narrativo.

Ingrid Moreno Ferreira

Márcio Natalino Thamos (orientador)

(UNESP Araraquara)

*O Mito de Dafne e Apolo
sob a perspectiva da semiótica figurativa*

Palavras-chave: Dafne; Latim; Literatura Clássica; Metamorfoses; Ovídio; Semiótica Figurativa.

Este trabalho tem como corpus o episódio de Dafne e Apolo, que integra a obra *Metamorfoses* (livro I, 452 – 567), de autoria de Ovídio (43 a.C. – 17 d.C.), um grande poeta da Roma Antiga. As *Metamorfoses* são um longo poema que se divide em quinze livros, escrito em hexâmetros dactílicos, e conta uma narrativa cronológica de mudanças na forma de homens, de animais, de plantas e minerais, resgatando, de modo lúdico e dinâmico, origens mitológicas da natureza que o autor tece literariamente. O trecho selecionado para a investigação conta como se deu a transformação da ninfa Dafne em loureiro, o que ocorreu em decorrência de uma perseguição do deus Apolo a ela. A partir de estudos acerca dos processos de figuratividade do discurso, a pesquisadora propõe uma investigação da narrativa e a explora a fim de que sejam identificados expedientes de iconicidade, que proporcionam os efeitos de ilusão referencial. Procura-se explorar a figuratividade poética do texto latino em questão, valendo-se do instrumental teórico que a Poética e a Semiótica Literária fornecem. Como resultado dessa investigação, pretende-se produzir um discurso metalinguístico para se reconhecer os recursos da figuratividade poética determinantes da expressão.

Nota curricular:

Ingrid Moreno Ferreira possui graduação em Letras (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, com habilitação em Língua Portuguesa. Atualmente é mestranda em Estudos Literários e desenvolve um trabalho com ênfase em Latim e Semiótica Figurativa.

Ivone Daré Rabello

(Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,
Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada)

Mário de Andrade e a figuração literária do narcisismo

Palavras-chave: literatura e psicanálise; Mário de Andrade (1893-1945); ego ideal e ideal de ego; completude narcísica e perda; narcisismo e sublimação; realização amorosa narcísica.

A obra de Mário de Andrade, decisivo escritor, crítico e pensador do Modernismo brasileiro, inclui, na lírica e na contística, figurações da perda narcísica, tal como conceituada por Freud – autor lido pelo escritor desde os anos de 1920. Independentemente de vinculações com aspectos biográficos, que devem servir apenas como referência para o estudo da literatura, o objetivo central desta comunicação é o de rastrear os momentos em que se dá representação à imagem da completude narcísica e à memória de sua perda, ocorrida com violência e renitência, tal como surge em “Tempo da camisolinha” (da obra *Contos novos*), bem como a luta empreendida pelo narrador-personagem na reconstituição de sua identidade, superando-se a ferida narcísica por meio da identificação secundária e da sublimação (em “Frederico Paciência” e “Vestida de preto”, ambos de *Contos novos*). Mais que a mera identificação dos assuntos acima mencionados, importa sua formalização, isto é, o modo pelo qual o narrador-personagem reconstrói seu trajeto de vida, traçando os caminhos da ferida narcísica e sua superação. Trata-se de um conjunto de contos cuja unidade (estilística e temática) recompõe, sob a forma de mosaico (dado que os contos não estão apresentados em sequência cronológica linear), o trauma resultante da imposição da destruição do “eu ideal” e a lenta constituição de um “ideal do eu”, não sem antes expor-se aos dilemas da projeção narcísica do objeto. A fragmentação da unidade biográfica em contos autônomos interessa-nos como figuração literária da busca do sujeito pelo domínio da sua própria história, o que também revela a permanência do ideal narcísica do eu ficcional. Por fim, e no salto para a figuração lírica que daí pode se deprender, o breve comentário dos poemas V e VI de *Girassol da Madrugada* (de 1931) permite retomar, sob a chave da poesia, o anseio narcísico na escolha objetual.

Nota curricular:

Professora doutora sênior de Teoria Literária e Literatura Comparada, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (Brasil), tem trabalhos publicados relacionados a Mário de Andrade (*A caminho do encontro*, sobre a obra *Contos novos*) e ao poeta simbolista brasileiro Cruz e Sousa (*Um canto à margem*). Dedicar-se atualmente a estudos sobre a tradição crítica brasileira e à literatura e ao cinema contemporâneos, com vários artigos publicados.

João de Mancelos

(Universidade da Beira Interior/Centro de Línguas, Literaturas e Culturas)

Kane, um narcisista com O Mundo a seus Pés

Palavras-chave: Narcisismo, transtorno de personalidade narcisista, Kane, Citizen Kane, Orson Welles.

Charles Foster Kane, o protagonista do filme *Citizen Kane/O mundo a seus pés* (1941), um clássico de Orson Welles, constitui um caso nítido de narcisismo. Esta personagem inolvidável é o protótipo do homem que se fez a si mesmo, ascendendo do nada à fama, e sofrendo a consequente queda. Nesta comunicação, o meu objetivo é demonstrar que Kane apresenta características típicas do transtorno de personalidade narcisista. Acalenta sonhos de grandeza e detém uma imagem idealizada de si; demonstra falta de empatia pelo Outro e um desejo constante de admiração; reage negativamente perante a derrota e tomba na alienação. Para analisar este filme, um clássico da sétima arte, recorro a estudos sobre o mito de Narciso, o transtorno de personalidade narcisista, e a narrativa cinematográfica em estudo.

Nota curricular:

João de Mancelos nasceu em Coimbra, em 1968. É licenciado em Ensino de Português e Inglês (UA, 1992), mestre em Estudos Anglo-Americanos (UC, 1996), doutorado em Literatura Norte-americana (UCP, 2001), pós-doutorado em Estudos Literários (UA, 2006-2012) e agregado em Estudos Culturais (UA, 2015). É docente na Universidade da Beira Interior e escritor. Publicou vários livros de ensaio, poesia e ficção.

José Cândido de Oliveira Martins

(Universidade Católica Portuguesa / CEFH)

Ricardo Reis de José Saramago ou o poeta narcísico

Palavras-chave: José Saramago, Ricardo Reis, narcisismo, alienação, impassibilidade, empenhamento.

No romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), o exercício ficcional de reinterpretação saramaguiana da sobrevida de Ricardo Reis procura narrar a vida não contada do heterónimo pessoano no complexo contexto português e europeu de 1935-36. Este dispositivo romanesco opera com um pressuposto omnipresente: regressado do Brasil a Portugal, pode um escritor ficar indiferente à realidade interpelante do "espectáculo do mundo", com a afirmação dos fascismos e da guerra? Em lugar de um eventual poeta crítico e politicamente empenhado, deparamo-nos antes com o ocioso intelectual "flâneur", que deambula impassível e aleatoriamente por Lisboa, relê os seus versos e vive melancolicamente preso ao espelho do seu congenial e irremediável narcisismo.

Nota curricular:

Professor Associado da Universidade Católica Portuguesa (Braga) e membro integrado do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH). Além de artigos para revistas especializadas, publicou entre outras obras: *Teoria da Paródia Surrealista* (pref. de Vítor Aguiar e Silva), 1995; *Fidelino de Figueiredo e a Crítica da Teoria Literária Positivista*, 2003; *Alexandre Cabral (1917-1996) Dedicado Camilianista*, 2018. Co-organizou alguns volumes temáticos; e ao nível da edição literária, com fixação do texto, introdução crítica e notas, editou obras de Diogo Bernardes, António Feijó e Camilo Castelo Branco.

José Vieira

(Centro de Literatura Portuguesa - FLUC / Instituto de Filosofia - FLUP)

O Líquido Retrato de Narciso
- a identidade fragmentada de Dorian Gray

Palavras-chave: Dorian Gray; Narciso; Zygmunt Bauman; Crise da Identidade; Fragmentação do Sujeito; *Duplo*.

Publicado em 1890 por Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray* surge como a obra maior do ficcionista irlandês. Para além da reflexão em torno das relações humanas, do amor, do ódio e da manipulação, a obra de Wilde realça outros aspetos e temas que muito antevêm e pressentem a crise do sujeito unitário que assolou as correntes literárias da passagem do século XIX para o século XX, tendo a sua manifestação máxima no Modernismo e nas Vanguardas.

A nossa comunicação tem como objetivo refletir sobre o modo como a figura e o mito de Narciso são reaproveitados pelo autor até à sua reconstrução sob um modelo de visão do mundo finissecular. Partindo da imagem do *duplo* e do *outro*, em concomitância não só com a ideia da perda da unidade do sujeito preconizada por Stuart Hall, mas também com as teorias sobre o sujeito líquido defendidas por Zygmunt Bauman, daremos conta da representatividade e do alcance literários presentes no protagonista do romance.

Se, por um lado, é seguro afirmar que Dorian Gray é um eco do Narciso que se apaixona não pelo seu reflexo nas águas de um rio, mas antes pelas cores de um retrato, por outro lado não é menos verdade propor que o sujeito que jamais vê alterada a sua compleição física é espelho e reflexo de uma época que levou o *eu* ao seu egotismo e conseqüente esgotamento, como mais tarde Pessoa irá demonstrar de forma magistral.

Assim, a nossa comunicação desenvolver-se-á a partir das questões da crise da identidade através da revisitação do olhar de Narciso.

Léia da Silva Gomes Torres

(UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil)

A presença do mito de Narciso na literatura contemporânea de Mia Couto

Palavras-chave: Literatura. mia couto. narciso. silvestre vitalício. identidade. memória.

O presente trabalho aborda sobre a presença de personagem narcisista na obra *Antes de nascer o mundo* (2009), do autor Mia Couto, tendo como foco de atenção e reflexão a personagem Silvestre Vitalício, que na narrativa propõe a criação de uma nova ordem mundial. Silvestre Vitalício é um dos cinco homens que vivem em Jerusalém e comanda os demais com rigor, ultrapassando os limites da lucidez na tentativa de recriar o mundo. Ele neutraliza qualquer tentativa de resgate do passado, da memória individual ou coletiva e, como no “mito de narciso”, este não é capaz de ouvir ou ver o outro. De forma autoritária e às avessas, Silvestre provoca a desconstrução identitária de si e dos que vivem em seu novo mundo, possibilitando repensar identidades e lugar de pertencimento, pois no romance a ordenação de uma nova criação é humana. Silvestre exerce poder persuasivo sobre os filhos, o soldado e o cunhado, impedindo-os de sair de seu conturbado mundo psicológico, além de colocar-se como o intelectual da nova existência em Jerusalém. Suas ações recuperam a atitude de “Narciso” quando o sujeito reconhece apenas o próprio “eu” como parâmetro de sociedade. Nesse viés analítico o intelectual Mia Couto aborda as temáticas de identidade e memória, que permitem compreender o mundo globalizado e sua organização social, levando o leitor ao deslocamento sócio-político-econômico e cultural para o ápice da reflexão supra-nacional. Assim, Mia Couto destaca-se na construção de narrativas que configuram identidade, exílio, tradição e oralidade, colocando em evidência o país de Moçambique na construção de uma identidade nacional com influências de centro e periferia. Essa forma peculiar na escrita de Mia Couto nos remete a pensar o autor, baseado na teoria de SAID (2005), quando o escritor anuncia seu desassossego entrelaçando ficção e realidade na representação da vida cotidiana em seu país.

Nota curricular:

Graduada em Letras pela UNEMAT. Especialista em Literatura Brasileira pela PUC/MINAS. Mestre em Estudos Literários pela UNEMAT. Aluna do programa de Doutorado em Estudos Literário - PPGEL da UNEMAT. Professora da rede estadual de educação de Mato Grosso

Luís Adriano Carlos

(Universidade do Porto)

Narciso e a Melancolia do Outro Lado do Espelho

Palavras-chave: Narcisismo; Melancolia; Estádio do espelho e alteridade; Romantismo e Narciso; Modernidade e Saturno.

Propõe-se a unificação do mito de Narciso e da teoria da Melancolia como termos do tropo etopoiético na poesia em geral e na poesia da Modernidade baudelairiana em particular. Mito e teoria da Antiguidade, que representam os elementos da água e da terra, figurando a antítese entre a transparência e a opacidade que acaba por se dissolver em mero contraste entre a diluição e a turvação, será o homem romântico que irá incarnar a sua síntese alienante, no “espelho triste” da sua orfandade teológica e estética, em que a perda do Bem e do Belo ideais lhe dará a conhecer a experiência teodiceica do Mal e do Feio como fundamento da expressão realista e saturniana da sua “consciência infeliz”. Começando por representar o regresso de Narciso enquanto símbolo da subjectividade egotista, o Romantismo na sua evolução acaba por se encontrar com a figura melancólica de Saturno.

Nota curricular:

Luís Adriano Carlos, n. 1959, é Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutor em Literatura Portuguesa (1993) e Agregado em Literatura Portuguesa e Teoria da Literatura (2005). Publicou estudos de Crítica, Poética, Retórica, História da Literatura, Estética Literária, Estética Comparada e Semiótica. Organizou edições de obras de vários autores, do Padre António Vieira a Óscar Lopes. Realizou as edições fac-similadas das revistas históricas *Cadernos de Poesia* e *Árvore*. Entre os trabalhos mais recentes, destaca-se a organização, precedida do estudo “Crítica do Gosto Literário”, da antologia em dois volumes *Os mais Belos Poemas Portugueses Escolhidos por Vinte e Cinco Poetas*.

Luís Carlos S. Branco

(DLC-UA)

*Figurações de Narciso
na obra Satanista dos Moonspell*

Palavras-chave: Satanismo, Moonspell, Egotria, Fernando Ribeiro, Irreligious, Anton Szandor Lavey.

O satanismo, nas suas várias ramificações, considera a civilização ocidental profundamente alienada de si mesma e afirma-se contra os valores cristãos, que considera artificiais e distantes dos verdadeiros anseios do ser humano. Para os satanistas a fé é a pior das alienações. Ateus até ao paroxismo, em vez de Deus põem no altar o Eu, numa afirmação narcísica e vitalista. Esta filosofia polémica, mas poderosa, tem na obra lírica e musical dos Moonspell uma das suas mais bem conseguidas concreções. Figuras como Mefisto, Marquês de Sade, Mário de Cesariny, Lúcifer, a Condessa Bathory, Vampíria, Lilith, etc., formam um corpo coerente e egolátrico de louvor a Narciso, na sua obra lírico-musical. Pretendo refletir sobre estes elementos na minha comunicação

Nota curricular:

Luís Carlos S. Branco é doutorando em Estudos Culturais, no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, e investigador em formação no Centro de Línguas, Literaturas e Culturas. É mestre em Estudos Portugueses e licenciado em Línguas, Literaturas e Culturas, ramo de Português-Inglês. A sua dissertação de mestrado focou-se na obra do cantautor António Variações e intitula-se António Antes de Variações: O Percorso Inicial do Cantor. Os seus interesses de investigação situam-se nos estudos comparatistas e interartísticos, nomeadamente nos Estudos de Cinema e nos Estudos de Música Pop-Rock (Popular Music Studies). Tem diversos artigos publicados e várias comunicações efetuadas nessas áreas. Interessa-se também pela articulação entre as Neurociências e as Humanidades. A nível de criação literária, foi selecionado para representar Portugal em certames literários internacionais.

Luiz Alexandre Solano Rossi

(PUCPR, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil)

Mito e contra-mito: uma comparação entre o mito judaico e o do antigo oriente Próximo

Palavras-chave: mito; contra-mito; libertação; literatura

Mito não deve ser compreendido como uma falsidade ou sinônimo daquilo que é fantasioso. Contrariamente, os relatos mitológicos são considerados sagrados e, de forma consequente, expressam histórias verdadeiras, ou seja, referem-se sempre a realidades concretas dos sujeitos que os redigiram. Nesse sentido, a análise de relatos mitológicos em chave de leitura social, permite perceber a possível função social dos mitos e, com isso, a sua relevância tanto para ontem quanto para hoje. Nesse sentido, o objetivo é o de refletir a respeito da integridade da criação, a partir de relatos mitológicos, frente à atual ação danosa do ser humano em relação ao ambiente natural, promovendo uma tomada de consciência sobre tal ação e sobre as atitudes ecológicas que ele pode desenvolver em favor da preservação da vida. No Antigo Testamento, em Gênesis 1, encontramos relatos mitológicos que tratam diretamente da visão cosmogônica judaica. Um texto que apresenta similaridades e divergências em referência aos textos mitológicos da criação, elaborados pelas culturas mesopotâmica, egípcia e cananeia e nos leva a perceber a função social do mito.

Nota curricular:

Professor/pesquisador de Sagradas Escrituras no Programa de Mestrado e Doutorado em Teologia da PUCPR e na UNINTER. Pós-doutor em Teologia (Fuller Theological Seminary) e em História Antiga (UNICAMP); Doutor em Ciências da Religião (UMESP) e Mestre em Teologia (ISEDET/Buenos Aires).

Márcio Luiz Fernandes

(Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil)

De Narciso - filho das águas - ao ethos da amizade e das lágrimas em perspectiva florenskiana

Palavras-chave: Florenskij; pensamento complexo; intersubjetividade; amizade; perspectiva invertida; fenomenologia

O objetivo da comunicação será o de estabelecer um diálogo entre o mito de Narciso – narrado no terceiro livro da *Metamorfose* de Ovídio - e a carta XI sobre a amizade – presente na obra *a Coluna e fundamento da verdade* - de Pavel Florenskij. Trata-se de realizar uma fenomenologia da situação pós-moderna na dialética entre o desejo do conhecimento de si e aquele de uma prática do não conhecimento de si. A concepção do teólogo russo é de que ser pessoa consiste na oferta da vida pelo outro, manifestada no mais alto grau pela relação de amizade. Ele entrevê o risco da compreensão ilusória da realidade porque a autoreferencialidade, o esquematismo e, sobretudo, o egocentrismo podem marcar os discursos e ações humanas. A passagem do ilusionismo – representado no drama de Narciso na sua auto-coincidência - para o realismo se dá no “contato vivo com o ser” e na medida em que se compreende que a vida é uma contínua subversão da auto identidade abstrata, um contínuo morrer da pessoa para crescer em comunidade -*sobornost'* e amizade. A formação da subjetividade se dá para Florenskij no âmbito da intersubjetividade e a partir do *ethos* da amizade por meio das lágrimas, por outro lado, no mito do filho da fonte das águas se anuncia a dimensão paradoxal da realidade: Narciso encontrará naquele lago a transparência de si mas, ao mesmo tempo, o abismo da destituição de si. Estas reflexões tem profundo impacto na cultura contemporânea já que nos fazem pensar na auto-transparência do eu, na identidade e na alteridade e, sobretudo, perceber que no outro, como em um espelho, o ser humano pode encontrar a si mesmo e a própria auto-identidade.

Nota curricular:

Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Realizou mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo e mestrado em Teologia, especialização em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Lateranense de Roma.

Marcos Lopes

(UNICAMP, Brasil)

*O antinarciso: hermenêutica em
“O Marinheiro”, de Fernando Pessoa*

Palavras-chave: Especulação poética; Transcendência; Imanência; Alteridade; Ética da leitura; Fernando Pessoa.

Em *Pequeno manual de inestética* (1998), Alain Badiou compreende a poesia de Fernando Pessoa como expressão artística que está à frente da filosofia do século XX. É claro que a afirmação do filósofo francês faria muito historiador ou professor de filosofia corar de vergonha ante assertiva tão genérica que parece subtrair o quadro complexo do pensamento Ocidental. Todavia, a provocação especulativa de Badiou concerne a um duplo propósito: por um lado, discutir a ancestral rivalidade entre arte e filosofia, suas ‘soluções’ e aporias; por outro lado, pensar aquilo que é irreduzível em termos de operação artística e reflexiva no poeta português. Ao cabo dessa tarefa bifronte, em que o ato de pensar não se confunde com a clareza, transparência ou opacidade daquilo que se vê refletido nos processos de inquirição do real, o filósofo conclui que o imperativo da poesia de Fernando Pessoa é enveredar por “uma verdadeira filosofia do múltiplo, do vazio, do infinito. Uma filosofia que faça afirmativamente justiça a esse mundo que os deuses abandonaram para sempre.” Minha proposta é submeter a hipótese de Badiou à prova em uma leitura hermenêutica de “O marinheiro”, perguntando muito ingenuamente: há imanência absoluta nesse drama estático ou simplesmente finge-se a abolição da transcendência, como categoria fundadora da possibilidade de que exista sentido em nossos engajamentos mais comezinhos do dia a dia?

Nota curricular:

Marcos Lopes é professor de literatura brasileira e portuguesa na UNICAMP. Investiga a orientação ética da literatura e a reserva semântica da religião em alguns escritores brasileiros e portugueses. Além disso, dedica-se ao estudo da imaginação moral em críticos liberais e conservadores.

María Cecilia Colombani

(Universidad de Morón, Argentina)

Narciso. Una lectura antropológico-filosófica del mito como operador de sentido

Palabras Clave: Mito; Narciso; Relación; Individualismo; Antropología.

El proyecto de la presente disertación consiste en analizar el mito de Narciso desde una lectura antropológico-filosófica.

Nos situaremos en la doble referencia mítica, la griega y la romana, a fin de dar cuenta de la historia pero no será nuestro interés detenernos en el relato en sí sino en las consecuencias antropológicas de la actitud de Narciso.

El trabajo estará así articulado en dos frentes. En primer lugar, analizaremos la historia, considerando al mito como una fuente de sentido, como un operador de sentido, para en un segundo momento analizar las consecuencias ético-antropológicas de la historia y de su actitud desde la imposibilidad de acoger al Otro.

Es nuestro propósito abordar el período arcaico como período instituyente ; como un período en donde se está formando una nueva manera de comprender el mundo. Un período instituyente se caracteriza principalmente por su potencia creativa, por sus movimientos, sus producciones.

CV:

Doctora en Filosofía por la Universidad de Morón. Profesora Titular Regular de Problemas Filosóficos y de Antropología Filosófica (Universidad de Morón) Coordinadora académica de la Cátedra Abierta de Estudios de Género (Universidad de Morón). Directora de la carrera de Filosofía (Universidad de Morón). Profesora Titular de Filosofía Antigua y Problemas Especiales de Filosofía Antigua (Universidad Nacional de Mar del Plata). Investigadora principal por la Universidad de Morón. Codirectora del Proyecto de Investigación “Mundo Antiguo y Cultura Histórica; formas de dominación, dependencia y resistencia”. Facultad de Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata. Miembro Colaborador del Proyecto de Investigación UBACYT (convocatoria 2016-2018) “Cuerpos poéticos. Discursos y representaciones de la corporalidad en el mundo griego antiguo” 20020150100127BA (Modalidad 1 / Tipo C / Conformación II), Autora de Hesíodo. Una Introducción crítica, Bs As, 2005, Homero. Una introducción crítica, Bs As, 2005, Foucault y lo político, Buenos Aires, 2009. Hesíodo. Discurso y Linaje. Una aproximación arqueológica, Mar del Plata, 2016. Autora de capítulos en obras colectivas y de artículos en revistas nacionales e internacionales de la especialidad. Profesora invitada anualmente al Programa de Pos graduación en Historia Comparada de la UFRJ. Profesora Invitada de la UERJ (Río de Janeiro), UFMG (Belo Horizonte) y de la UFOP (Minas Gerais) en calidad de conferencista o profesora de cursos de pos graduación. Invitada anual del Centro de Estudios Clásicos de la Facultad de Letras de Universidad de Coimbra, Portugal y de la Universidad de Lisboa, Portugal.

Maria de Fátima Silva

(Universidade de Coimbra)

'O inútil desejo de si próprio'
– *três leituras do mito de Narciso*
na Literatura Portuguesa

Palavras-chave: receção, poesia portuguesa contemporânea, individualismo, *hybris/nemesis*.

Em Eugénio de Andrade, Jorge de Sena e Nuno Júdice, o mito de Narciso retorna como expressão do 'inútil' e condenatório fascínio da individualidade. É intuito desta intervenção avaliar os elementos poéticos confluentes nos autores em análise, usados para traduzir, em tons diversos, um mesmo tópico e o seu ascendente clássico.

Nota curricular:

Maria de Fátima Silva é Professora Catedrática no Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra. Como helenista, tem desenvolvido a sua principal investigação na área do teatro grego antigo. Mas recentemente tem-se dedicado aos estudos de receção, primeiro dos temas e motivos gregos no teatro, e também, como membro de um projeto coordenado por Oxford, na poesia.

Maria do Carmo Mendes

(Universidade do Minho)

Metamorfoses de Narciso na poesia africana

Palavras-chave: Narciso, poesia africana.

Surgido na época helenística, o mito de Narciso tem uma representação inesgotável na literatura e nas artes plásticas. Da Idade Média à contemporaneidade, diversas manifestações artísticas projetam nele valores distintos. Se na pintura Narciso foi eternizado em quadros de Tintoretto, Poussin, Caravaggio, Turner, Man Ray ou Salvador Dalí, na literatura europeia destacam-se as recriações de Rilke, Valéry, Gide ou Garcia Lorca. Abundantemente estudado na literatura portuguesa – em escritores como Régio, Torga, Sophia ou Nuno Júdice –, a sua representação não tem, todavia, merecido suficiente interesse na poesia africana e em dois poetas, o moçambicano José Craveirinha e o cabo-verdiano Arménio Vieira, que a ele dedicaram composições poéticas.

A comunicação pretende, assim: 1) Enquadrar a dimensão autobiográfica da obra poética de José Craveirinha numa leitura à luz do mito de Narciso; 2) Evidenciar a relevância dos intertextos clássicos na poesia de Arménio Vieira; 3) Interpretar o processo desmitificador realizado pelo escritor cabo-verdiano na revisitação do mito de Narciso; 4) Sublinhar a relevância do mito de Narciso na literatura africana de língua portuguesa.

Nota curricular:

Professora e investigadora do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho. É vice-presidente do ILCH e presidente do Conselho Pedagógico do mesmo Instituto. Especialista em Literatura Comparada e em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, tem publicado ensaios sobre: escritores de língua portuguesa; escritores de língua inglesa; mito de Don Juan; Ecocrítica; Literatura Fantástica e Policial; influências clássicas na Literatura Portuguesa Contemporânea; Diálogos entre a Literatura Portuguesa e as Literaturas Hispano-Americanas. As suas publicações mais recentes são os livros *Don Juan(ismo): o mito* (2014), *Artes e Ciências em Diálogo* (coordenação com Isabel Ponce de Leão e Sérgio Lira –2015), *Idades da Escrita: estudos sobre a obra de Agustina Bessa-Luís* (2016) e *Humores e Humor na Obra de Agustina Bessa-Luís* (coordenação com Isabel Ponce de Leão – 2017) e *Ecocriticism 2018. Literature, Arts and Ecological Environment* (coedição com Isabel Ponce de Leão e Sérgio Lira – 2018).

Maria Graciete Gomes da Silva

(Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa)

O outro lado do espelho em dois contos de Dulce Maria Cardoso

Palavras-chave: Dulce Maria Cardoso, conto, espelho, duplo, eu, outro

«Iguais» e «Os anjos por dentro», dois dos contos que integram a colectânea Tudo são histórias de amor, de Dulce Maria Cardoso, publicada em 2014, constituem bons exemplos dos equívocos da existência do eu no espelho do outro.

Ancorados num trio composto por dois irmãos enquadrados pela figura materna – gémeos que nem a voz distingue, «iguais como duas gotas de água» (encarnação por excelência do duplo), no caso do primeiro –, ambos subvertem o pressuposto de uma simetria sem falha, ou de uma unidade sem mácula, que a problemática da escolha agudiza. E em ambos se impõe o «outro lado» do espelho, revelação que, por não dita, se reforça, sublinhando a inexistência de especularidade sem resto, como incumbe à ficção.

Nota curricular:

Professora Auxiliar aposentada (NOVA), é investigadora do Centro de Estudos Comparatistas (FLUL), com publicações diversas nas áreas da Literatura Portuguesa e da Literatura-Mundo. Entre os seus actuais interesses de investigação, salienta-se a poesia de cancionero, fundamentalmente associada ao estudo do Cancioneiro Geral, numa perspectiva multidisciplinar e comparatista. Co-editou O Mundo Lido: Europa (vols. 3-4 de Literatura-Mundo Comparada, 2018) e, de entre as suas publicações mais recentes, destaca-se ainda «A vida posta em balança: interpelação e desconcerto em alguns poemas de Jorge de Resende», capítulo de Arte poética e cortesia: o Cancioneiro Geral revisitado (2018), de que é também co-editora.

Maria Hermínia A. Laurel

(DLC-UA)

A auto-ficção nas fronteiras do egotismo: percursos do eu e mitificações em narrativas de viagem

Palavras-chave: egotismo; narrativa de viagem; mito suíço.

Viajante incansável, o escritor francês Stendhal (1783-1842), mais conhecido pelos seus romances de maturidade *Le Rouge et le Noir* (1830) ou *La Chartreuse de Parme* (1839), deixou-nos também obra de relevo no campo da crítica artística. Imbuídos de uma profunda subjectividade, os seus escritos sobre arte foram fortemente marcados pelas suas estadias em Itália; donde títulos como *Rome, Naples, Florence* (1817), ou ainda *Souvenirs d'égotisme*, composto durante a sua estadia como cônsul em Civita-Vecchia em 1832. Introdutor do termo “égotisme” nas letras francesas, constatamos que a atitude que o termo denota traduz algumas posturas de escritores da viagem durante o período romântico, mas também, curiosamente, algumas opções teórico-críticas contemporâneas sobre a descrição do espaço em literatura. Deter-nos-emos assim em algumas descrições da viagem à Suíça, cujo estudo convoca desde logo os escritos de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), nomeadamente as *Rêveries du promeneur solitaire* (1776-78), obra de referência da viagem pré-romântica mas também, como estudaremos, da criação de um mito emergente na literatura de viagem subsequente, o “mito suíço”, no qual se confundem percursos do eu e mitificações do real, em actualizações sucessivas de figuras do egotismo e de Narciso.

Nota curricular:

LAUREL, Maria Hermínia, Professora de Literatura francesa na Universidade de Aveiro e membro do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto (ILC). Publica sobre Literaturas em francês, Teoria da literatura e Literatura comparada (espaço, cidade, viagem). Fundou e dirigiu a Associação Portuguesa de Estudos Franceses e a revista electrónica de estudos franceses, *Carnets*. Dirigiu a Associação Portuguesa de Literatura Comparada (membro da AILC). É membro fundador do grupo de investigação europeu “Lire en Europe Aujourd’hui”, que realizará o colóquio “Urbi et Orbi. Lire les Villes. Vivre en Littérature”, de 16 a 20 de Outubro na Universidade de Aveiro. Algumas publicações recentes : *Espaço(s) literário(s)*, Rev. da Universidade de Aveiro, 2015 ; « Lire la ville au fil du temps : Lisbonne revisitée », in *Lire, écrire, pratiquer la ville*, N. Roelens et T. Vercruyse (dir.), 2016 ; « Écrire Tokyo : approches multifocalisées de la ville de Tokyo dans l'œuvre de Nicolas Bouvier, Roland Barthes et Michel Butor », in *Chorographies : Les mises en discours de la ville*, Demeulenaere, Roelens et al. (dir.), 2017 ; Introdução, tradução e notas a *La Géocritique*, de B. Westphal, in *Edições Afrontamento-ILC*, 2017 ; *Cadernos de Literatura Comparada : « Interdisciplinaridades »*, 37 (co-ed.), 2017 ; « Les cartographies imaginaires d'un voyageur capital », in *Roman 20-50*, mars 2018, « Nicolas Bouvier : L'Usage du monde », in *Baudelle et Morzewski* (dir.) ; « Retour au réel et espaces frontaliers entre fait et fiction », in *Espacialidades : revisões do espaço na literatura*, Coutinho, Laurel, et al. (dir.), 2018 ; *Espacialidades : revisões do espaço na literatura*, Coutinho, Laurel, et al. (dir.), 2018.

Maria José Ferreira Lopes

(Universidade Católica de Braga)

O Narciso do Condestável D. Pedro: aegritudo amoris em metamorfose cortês

Palavras-chave: Condestável D. Pedro; ficção sentimental; *aegritudo amoris*; Narciso; Metamorfozes; pré-Renascimento peninsular.

É no contexto da centena de glosas ilustrativas da sua *Sátira de infelice e felice vida*, espécie de novela sentimental para instrução e edificação áulica, que D. Pedro de Portugal introduz Narciso, *exemplum* de como “fermosura com gracia atrahen a bien e leal amar”. Apesar das frequentes alusões e citações das *Metamorfozes* de Ovídio, o episódio é adaptado ao propósito de sublinhar a *aegritudo amoris* do autor/narrador às mãos caprichosas de Cupido, encarnado pela insensível dama, a quem o coração tem de servir, mas a razão não pode deixar de criticar. Assim, traços fundamentais do mito e da narrativa ovidiana ficam de fora (o oráculo, Eco, a flor), substituídos pela ênfase dada a elementos associados à retórica amorosa palaciana, herdeira do amor cortês. O emotivo discurso do agonizante Narciso, cuja dimensão contribui para sublinhar o isolamento egotístico do amador, aborda a beleza divina da mulher; o serviço amoroso, esgotante e nunca correspondido; a súplica à piedade e à memória da amada; o sofrimento que culmina na morte. Salvo o inusitado e impossível alvo amoroso, o jovem mítico acaba por ser enquadrado numa galeria de vítimas masculinas do amor (Gaio Pláucio Númida, Píramo, Marco Plotino Planco, Ardanlier e Macías), que, apesar de correspondidos, se suicidaram ou foram assassinados depois de terem decidido “que mejor es prestamente morir, que largamente padecer y penar”. A variedade nas fontes (clássicas, como Ovídio e Valério Máximo; e contemporâneas, como Juan Rodríguez del Padrón) e a peculiar forma de interpretar e adaptar os relatos míticos (evemerista, astronómica, alegórica) demonstram o quanto D. Pedro se identificava com o ponto de vista ainda medieval adoptado pelas elites cultas peninsulares de meados de Quatrocentos, em que avultavam a tendência moralizante da Ínclita Geração e o pré-Humanismo da corte de João II de Castela.

Nota curricular:

Licenciada em Humanidades (1989), com Doutoramento em Literatura Latina e Latim Renascentista (2007), é Professora Auxiliar da UCP (Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Centro Regional de Braga). Tem leccionado, desde 1990, unidades curriculares sobretudo de Estudos Clássicos e Língua e Cultura Portuguesas. Tem investigado temas de Língua e Literatura Latina, História, Cultura e Mitologia Clássicas, e sua recepção na Literatura Portuguesa e na cultura ibérica. Tem também participado como conferencista, publicado textos e organizado encontros científicos internacionais sobre a herança da Antiguidade, muitas vezes com uma perspectiva comparatista.

María José Martín Velasco
(Universidad de Santiago de Compostela)

*El simbolismo de Narciso en Moby Dick:
la imagen amigable de la propia muerte*

Palavras-chave: Narciso, Mitología, Melville, Moby Dick, Mar.

La atracción que el mar -y en un sentido más amplio, el agua como símbolo del peligro- ejercen sobre algunos hombres, se ilustra en *Moby Dick* con la imagen de Narciso, el personaje mitológico que se queda absorto al contemplar en un río el reflejo de su propia belleza y atraído por su imagen se lanza al agua para poseerla, muriendo en el intento. La comparación con Narciso simboliza en Melville algo más que la simple atracción por la belleza, alude también a ese elemento demoníaco que los románticos identificaban con el genio creativo y rebelde del ser humano que aporta a la personalidad fuerza, energía y dinamismo y que es en definitiva el que lleva las riendas del destino de cada hombre. En Melville el elemento demoníaco se identifica con la seducción inconsciente e insensata por el peligro y por la imagen que nos hacemos de nosotros mismos después de muertos. Los límites de la vida y la muerte se confunden en el hombre y se atraen mutuamente. La fuerza de seducción desatinada que el encanto de lo desconocido ejerce sobre cada uno puede llegar a ser en ciertos momentos más poderosa que el apego a la propia vida. Ismael, el protagonista, defiende más tarde con amplitud esa necesidad de convivir amigablemente con la imagen de la propia muerte en su visita al cementerio de Nantucket.

Nota curricular:

Catedrático de Griego del Liceo Arzobispo Xelmírez I de Santiago de Compostela. Investigador independiente vinculado al Grupo de Investigación 'Estudios Clásicos e Medievais' da Universidade de Santiago de Compostela. Antigo Profesor Asociado de Filología Grega en la USC. Comunicaciones recientes: Julio 2018: Comunicación en el Congreso organizado por la Society of Biblical Literature, celebrado en Helsinki, Finlandia del 31 de julio al 3 de agosto del 2018. Comunicación 'Aliens and moral anarchy from Aristotle's point of view', dentro del Panel Citizens and Aliens in Greco-Roman world. Junio 2018: Ponencia. Participación en la International Conference 'Genealogy of Popular Science. From Ecphrasis to Virtual Reality' con la ponencia '(Popular) Scientific Knowledge and its Rhetorical Use in Aristotle. Celebrado en el Karlsruhe Institute of Technology, Alemania del 15 al 17 de junio del 2018.

María Rosa Alvarez Sellers

(Universitat de València)

Eco y Narciso de Calderón de la Barca: del saber platónico al espejismo de la libertad

Palabras clave: Eco y Narciso - Calderón de la Barca - teatro español - Siglo de Oro - espejismo – libertad.

El tema de la libertad y el destino, de la ignorancia y el conocimiento, aparece como recurrente en la dramaturgia de Calderón de la Barca, como muestran *La vida es sueño*, *La hija del aire*, *El monstruo de los jardines* o *Eco y Narciso*. Se trata de personajes encerrados condenados a una existencia artificial, habitantes de cuevas que solo poseen un saber platónico del mundo y sobre los cuales pesa una oscura profecía que ha provocado su encierro. Cuando salgan al exterior se enfrentarán a una prueba definitiva que no todos superarán con éxito. Analizaremos el periplo vital de Narciso, deslumbrado por estímulos sensoriales que lo conducirán hacia ese destino anunciado, para tratar de comprobar si es capaz de utilizar correctamente su libre albedrío o si, por el contrario, esa libertad resultará ser solo un espejismo.

CV:

Doctora en Filología y Licenciada en Filología Hispánica (Universitat de València) y Filología Portuguesa (Universidad de Salamanca). Profesora Titular de Filología Portuguesa en la Universitat de València. Participación en Proyectos de Investigación europeos: NIFLAR (Networked Interaction in Foreign Language Acquisition and Research) y CONSOLIDER (Patrimonio Teatral Clásico Español. Textos e Instrumentos de Investigación TC/12). Miembro del grupo de investigación internacional MORETIANOS, del CLP (Centro de Literatura Portuguesa) de la Universidade de Coimbra (Portugal) y del CET (Centro de Estudos Teatrais) de la Universidade de Lisboa. Publicaciones: teatro español Siglo de Oro, Literatura portuguesa, Literatura brasileña.

Marinei Almeida

(PPGEL – UNEMAT/UFMT, Brasil)

*Olhar para si, olhar para o outro:
autorretrato, retrato e simulacros em
Caderno de Memória Coloniais, de Isabela Figueiredo*

Palavras-chave: Caderno de Memória Colonial; memória; olhares; imagens e simulacros.

“O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.” Amparada pela mensagem (ou mensagens) exposta(s) nos versos de autoria do poeta brasileiro Manoel de Barros, nos servimos para propor uma reflexão, a partir da leitura de *Caderno de memórias coloniais* (2009), de Isabela Figueiredo, com o objetivo de discutir os variados “olhares” e dizeres, por meio de uma reminiscência que ainda reclama um lugar no presente, que aponta para uma tentativa de construção (ou desconstrução) de imagens que englobam o autorretrato do sujeito que escreve e/ou narra, do retrato do “seu” outro e simulacros dos demais, como procedimento metafórico de uma escrita pós-colonial na tentativa de estabelecer um diálogo plural, ambíguo e ao mesmo tempo revisitativo sobre eventos resultantes da empreita colonial portuguesa em Moçambique. Leva-se em consideração, portanto, que em produções literárias e culturais da contemporaneidade, sobretudo aquelas que abordam sobre o vivido/acontecido no tempo e espaços da ocupação colonial, apresentam tensões advindas desses eventos, que ultrapassam uma cronologia temporal e reverberam no presente. Essas criações artísticas e culturais, portanto, protagonizam múltiplos e distintos “olhares” e subjetividades em movimentos significativos que abordam contextos complexos e particulares, na grande maioria, por meio do elemento da memória que convoca a história de uma determinada época, na representação de uma memória coletiva que se impõe como necessária na revisitação do narrar a imagem da Nação pós-colonial.

Nota curricular:

Marinei Almeida é Professora de Literaturas em Língua Portuguesa da UNEMAT - Universidade Estadual de Mato Grosso /Brasil, membro do corpo docente dos Programas de Pós-Graduação PPGEL/UNEMAT e PPGEL/UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso).

Mireya Fernández Merino

(UNIR, Universidad Internacional de la Rioja)

*Los rostros del Yo y del Otro en
Doce cuentos peregrinos de G. García Márquez.*

Palabras clave: G. García Márquez.

La representación del Otro ha ocupado un lugar prominente en la literatura. La alteridad asume un matiz extraño, exótico que ejerce una atracción sobre quien lo contempla. Semejanzas y diferencias se corporizan en la figura de ese otro lejano en el que proyectar fortalezas o minusvalías. El presente estudio tiene como objetivo revelar cómo se construye la representación del Yo y del Otro en la colección de cuentos del escritor colombiano Gabriel García Márquez, *Doce cuentos peregrinos* (1992), a partir de “las cosas extrañas que les suceden a los latinoamericanos en Europa”, en palabras de autor.

CV:

Licenciada en Idiomas Modernos, magíster en Literatura Comparada y doctora en Humanidades por la Universidad Central de Venezuela (UCV), donde ejerció la docencia durante 30 años. Actualmente, es profesora en la Facultad de Educación de la Universidad Internacional de la Rioja (UNIR), y dirige el Departamento de Lengua y Literatura y el Máster en Enseñanza de Español como Lengua Extranjera.

Nuno Simões Rodrigues

(Universidade de Lisboa)

Narciso antes do espelho: o primeiro sentido do mito

Palavras-chave: Narciso – Ctonismo – Mitos de Flores e de Vegetação – Pausânias – Religião Grega

Esta comunicação pretende analisar as narrativas em torno de Narciso, tentando descortinar os sentidos que elas tinham para os Gregos antes de a psicanálise reivindicar o mito para si no início do século XX. Deste modo, integramos o mito de Narciso no quadro dos mitos ctónicos da Antiguidade e propomos leituras inseridas no âmbito da religião e da mentalidade dos Gregos Antigos.

Nota curricular:

Nuno Simões Rodrigues é Professor Associado da Universidade de Lisboa e investigador dos Centros de História e de Estudos Clássicos da ULisboa e de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Doutor em Letras, na especialidade de História da Antiguidade Clássica, dedica a sua investigação, sobretudo, à História Cultural da Grécia Antiga e à História Político-Social da Roma Republicana e Alto-Imperial. Tem também investigado no domínio dos Estudos de Recepção. Publicou *Os Judeus em Roma do tempo de Pompeio ao tempo dos Flávios* (Lisbon, 2007), *A Sexualidade no Mundo Antigo* (Lisbon, 2009), *Mitos e Lendas da Roma Antiga* (Lisboa, 2012), and *Arqueologias de Império* (Coimbra, 2018). De momento, ultima uma «biografia» de Deméter e Perséfone para a casa Routledge.

Olga Maria Castrillon-Mendes

(UNEMAT, Cáceres, Brasil)

O espelho e o diverso em Dona de Luciene Carvalho

Palavras-chave: Metamorfose. Literatura brasileira contemporânea. Figurações do feminino. Luciene Carvalho.

Dona, a mais recente publicação de Luciene Carvalho é carregada do empenho de ser fiel a si mesma. Em relação ao conjunto de sua produção a poeta traz certo amadurecimento do espírito depurado dos resíduos emocionais e intelectuais deixados pelas e em suas relações com o espaço/tempo dos quais exalam profundas raízes populares que são a matéria de que é feita sua poesia. Nessa diversidade que se coloca entre o local e o universal, *Dona* tem uma natureza poética fina que relaciona aspectos da realidade interior somados à experiência de linguagem ligada à construção da vida. A voz familiar que recostura os becos e os recantos de cidades metamorfoseia-se em grito de liberdade simbolicamente representado pelos próprios conflitos de identidade. No percurso, tanto de maturação do espírito, quanto de produção poética busco, nesta comunicação, observar como Luciene Carvalho naturaliza seu narciso a partir do “ser feminino” em situação de maturidade. Reflito os caminhos dessa composição poética numa perspectiva que define a tônica do movimento do discurso que, ao retornar, dá à imagem invocada a aura de mito, como pensado por Alfredo Bosi (2009).

Nota curricular:

Mestrado em Linguística (Unicamp, 2000), Doutorado em Teoria e História Literária (Unicamp, 2007) e Pós-Doutorado em Literaturas Comparadas de Língua Portuguesa (FFLCH/USP, 2013). Atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso/Campus de Cáceres; do Mestrado Profissional em Linguagem/PROFLETRAS e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL/UNEMAT. Tem experiência na área de Letras, atuando nos temas afetos à literatura brasileira; Teoria e História Literárias; Estudos de Literatura Brasileira produzida em Mato Grosso e Literatura e ensino. É Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e da Academia Mato-Grossense de Letras; Líder do Grupo de Pesquisa "Questões históricas e compreensão da literatura brasileira" (CNPq/2002). Integra os Grupos: RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso, da UFMT. É autora de *Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso* (Cuiabá: EdUFMT, 2013) e "Discurso de constituição da fronteira" (www.unemat.br/publicações/e-book, 2017), além de artigos em periódicos e coletâneas nacionais e internacionais.

Pedro Basalo Bembibre

(Universidad de Salamanca, doutorando)

Cara a Times Square, de Camilo Gonsar: um jogo de espelhos

Palavras-chave: Literatura galega, *Cara a Times Square*, Camilo Gonsar, Camilo González Suárez-Llanos, metaliteratura, especularidade, alteridade.

Cara a Times Square (1980), de Camilo Gonsar, é uma obra destacada dentro da literatura galega, porém, chama a atenção como, sendo uma obra tão mencionada nas histórias de literatura galega, apenas recebeu atenção por parte da crítica literária. Trata-se de uma obra de forte conteúdo experimental em concordância com as influências literárias da Nova Narrativa Galega: Kafka, Joyce, Faulkner, entre outros. O argumento principal do romance é muito simples e consiste num encontro entre dois personagens: o protagonista e o Belga. Logo que se conheceram, decidem fazer uma viagem a pé por *Nova York* com o propósito de chegar a *Times Square*. Será durante os diálogos da obra que aflorem questões verdadeiramente importantes e concernentes às identidades, nomeadamente, à galega. Dai que se fale em assuntos como a emigração, o sentimento de pertença, a língua... Estes sentimentos e opiniões ir-se-ão desenvolvendo através da aparição das diferentes personagens que surgem no itinerário, provenientes de diferentes países, e que servem de contraponto. O jogo de espelhos adquire a sua importância no romance pelo facto de propiciar a reflexão tanto sobre o outro como sobre um próprio. Sendo que um dos maiores atrativos deste romance é a técnica, nomeadamente a especular, esta comunicação procura desvelar parte desses mecanismos especulares em diferentes níveis. Em primeiro lugar, entre as personagens do livro entre si; depois, entre as personagens deste livro com outros livros, e, por último, entre o leitor e as personagens. Deste jeito a reflexão vai crescendo desde um nível interior até o exterior, extrapolando ideias do plano fictício ao plano real. O objetivo final é mostrar a imensa complexidade e perfeição técnica da obra, explicando pormenorizadamente as implicações e significados dos recursos presentes nela.

CV:

Sou graduado em Lingua e Literatura Españolas pela Universidade de Santiago de Compostela. Depois continuei com a minha formação na Universidad de Salamanca cursando um Mestrado Universitário em Literatura Espanhola e Hispanoamericana, Teoría da Literatura e Literatura Comparada. Actualmente, estou a realizar a minha tese nesta última universidade dentro do programa de doutoramento «Español: investigación avanzada en Lengua y Literatura»

Pedro Lopes de Almeida

(Universidade de Brown, USA)

Espelhos de Narciso, mimetismos imperiais: notas à margem do Portugal de Sacheverell Sitwell e da fotografia de Gerti Deutsch

Palavras-chave: literatura de viagens; imperialismo; colonialidade; fotografia; mimetismos coloniais; modernização.

Publicado originalmente em 1954, *Portugal and Madeira* (Londres, Batsford Books) constitui o relato de cinco viagens realizadas pelo escritor britânico Sacheverell Sitwell a Portugal entre 1926 e 1953. A par de informes históricos, culturais e artísticos minuciosamente preparados (para os quais contribuíram as ligações do autor a vários membros da elite intelectual portuguesa), Sitwell pontua o seu livro de viagens com reflexões acerca do passado imperial português e da ocupação colonial portuguesa em África que é contemporânea da sua escrita. Em contraste claro com a temática do país rural, arcaizante e pobre que atravessa as suas descrições de Portugal (em especial, do interior), a visão de Sitwell dos espaços coloniais é marcadamente apologética do exercício colonial, destacando aspectos do que ele caracteriza como “modernização” e “progresso” dos territórios ultramarinos. O título é publicado contendo um elevado número de fotografias, contando-se entre elas as de Gerti Deutsch. As fotografias de Deutsch privilegiam uma temática marítima, com realce para figuras de homens e mulheres entregues ao trabalho físico, fornecendo, de maneira implícita, um contraponto à dimensão épica elaborada por Sitwell, e complicando a leitura deste livro-objecto. Neste ensaio defendo que o aparente paradoxo do livro de Sitwell pode ser interpretado como um exercício de redefinição das relações de colonialidade estabelecidas entre Portugal e os territórios ocupados em África, partindo de um jogo de contraste e identificação entre o projecto imperial português e o britânico, o qual pode ser entendido como relação narcísica entre blocos imperiais. Para isso, proponho uma leitura a contrapelo do seu livro, bem como uma confrontação crítica de *Portugal and Madeira* e as fotografias de Gerti Deutsch incluídas na versão do livro publicada em Londres.

Nota curricular:

Pedro Lopes de Almeida é estudante do programa de doutoramento e Teaching Assistant na Brown University (EUA). Formou-se em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e é Mestre em Teoria da Literatura pela mesma universidade (2012). O seu projecto de investigação actual concentra-se na literatura escrita por viajantes estrangeiros em Portugal, Brasil e Angola no final do século XIX e começo do século XX, especializando-se nas representações de velocidade, ferrovia, e transformação da paisagem. Ensinou na Universidade da Califórnia em Santa Barbara (2013-2015). Tem vários artigos publicados no âmbito das literaturas portuguesa e brasileira.

Rodrigo Ramos

(Universidade de Aveiro)

*Fëanor's Egotism and Alienation in
J. R. R. Tolkien's The Silmarillion*

Keywords: egotism, alienation, kinslaying, oath, sacrifice, masculinity.

This paper proposes to analyse elements of Fëanor's egotism and alienation, in *The Silmarillion* by J. R. R. Tolkien, in terms of discourses of masculinity. In the novel, the Valar entrusted the High Elves of Valinor with their teachings and traditions. Aulë, the Blacksmith of the Valar, had many apprentices such as Curunír (later known as Saruman the White, one of the Istari), Mairon (later known as Sauron) and Fëanor, the High King of Noldor, who was the most skilled and powerful elf ever to exist in Eä. Fëanor was a highly skilled linguist, blacksmith and loremaster, who created three jewels that he named as Silmarils and the Palantíri. Upon learning of his father's murder and the theft of the Silmarils at the hands of Melkor (now Morgoth), Fëanor becomes enraged and swears an oath to both recapture them and to avenge his father's death.

Fëanor, convinced that he was as godly as the Valar, enacts a version of entitlement in which his status as a male is a key component. This is symbolized to some extent from his birth, at which he absorbed most of his mother's life energy to the extent that she dies in childbirth. Women's priorities are cancelled in Fëanor's life. He leaves his kingdom and wife behind and he goes on a doomed quest to Middle-Earth. As this quest proceeds, different versions or models of masculinity are overridden and rejected. According to Todd W. Reeser's masculinity theory, Fëanor is a typically stubborn and self-centred man who believes that to enact masculinity he needs to visually present as "strong", in "control, brave and hard", including hard on himself (Reeser, 2010: p. 1). This hypermasculinity is represented as deeply negative and related to rage, egotism and the use of power in the imposition of will on others. Despite Tolkien's support for archaic storytelling traditions in which male heroism is central, it can be argued that many of the features associated with the classic vision of heroic masculinity are unpacked in his work, as he discriminates between men who are able to enact traditional attributes positively, and those who distort and abuse such attributes. Fëanor is an important example of this in Tolkien's work, given his position in the very early history laid down by Tolkien's legendarium.

Nota curricular:

É Assistente Convidado de Estudos Anglísticos do Departamento de Artes, Línguas e Comunicação da UTAD. Licenciou-se em Ensino de Português e Inglês e é mestre em Estudos Ingleses. Foi professor de Português e Inglês (língua e literatura) em Londres, Chelmsford, Portsmouth na Inglaterra, em Edimburgo na Escócia. Foi também agente de cooperação / docente de Português em Díli, Timor-Leste. Atualmente, é doutorando em Estudos Literários na Universidade de Aveiro e está a desenvolver a tese sobre Androcentrismo nas obras de J. R. R. Tolkien.

Silvie Špánková

(Universidade Masaryk, Brno, República Checa)

*Pesadelos de Narciso:
alienação e cisão do sujeito na narrativa urbana
de José Rodrigues Miguéis e Branquinho da Fonseca*

Palavras-chave: mito de Narciso, duplicidade, cidade moderna, narrativa breve, Rodrigues Miguéis, Branquinho da Fonseca.

A problemática da alienação e cisão do sujeito constitui uma das linhas temáticas que podem ser abordadas na prosa urbana de José Rodrigues Miguéis (*Páscoa Feliz*, 1932) e Branquinho da Fonseca (alguns contos das coletâneas *Zonas*, 1931-1932, *Caminhos Magnéticos*, 1938, *Rio Turvo*, 1945, contos dispersos). Absorvendo certos traços marcantes da narrativa oitocentista, a prosa da primeira metade do século XX apresenta várias imagens da alienação e cisão do sujeito como sintomas da cidade moderna. Por extensão, a figura quiasmática, que pode ser detetada nas narrativas de Rodrigues Miguéis e Branquinho da Fonseca, reflete a cultura da modernidade, sua propensão à constante (des)construção e metamorfose. Na presente comunicação, portanto, pretende-se analisar o vínculo (e espelhamento) que existe entre a cidade moderna (como conceito e espaço geográfico) e o sujeito alienado (fragmentado, desdobrado). O método de análise corresponde, em primeiro lugar, à mitocrítica, sendo ao mesmo tempo levados em consideração os estudos urbanos, geocrítica e gothic studies.

Nota curricular:

Professora da literatura portuguesa na Universidade Masaryk de Brno, República Checa; doutorada pela Universidade Carolina de Praga com a tese sobre os romances de António Lobo Antunes; autora de vários ensaios sobre a ficção portuguesa dos séculos XIX e XX; co-editora da revista académica *Études Romanes* de Brno. Atualmente dedica-se ao estudo da narrativa breve portuguesa e à pesquisa do imaginário urbano, sobretudo lisboeta.

Simone Paterman

(École des Mines, Paris, França)

Olhares contemporâneos de Tirésias e de Narciso : Binge Watching, Foreseeing e pensamento disruptivo

Palavras-chave: Tirésias, Narciso.

Hoje, a partir de dados pessoais de navegação, algoritmos preveem nossos interesses íntimos e apresentam-nos exclusivamente as informações que lhes são coerentes, confinando-nos em um espaço subjetivo previsível e limitado. Por outro lado, manuais empresariais de inovação convidam-nos à ruptura de fronteiras cognitivas a partir de princípios como o *foreseeing* e o pensamento disruptivo. Embora pareça contemporâneo, este dilema possui raízes profundas no pensamento ocidental.

Ovídio conta-nos a história de Narciso, rapaz que, embevecido por sua imagem refletida na água, vê-se impedido de ter o seu amor consumado. Narciso lamenta a separação material, imposta pela superfície da água, entre ele e a imagem – incorpórea – do seu corpo. Inversamente, ele aspira à separação do ser amado, para que a imagem, afastada, torne-se corpórea e tangível. Imobilizado entre desejo de indiferenciação e desejo de separação, Narciso acaba abreviando a vida dos dois amantes : seu próprio corpo e a imagem incorpórea pela qual se apaixona, e que lhe sendo atrelada é-lhe, ao mesmo tempo, fugaz.

Tirésias havia previsto o futuro de Narciso. Quando jovem, Tirésias teve o corpo metamorfoseado em um corpo de mulher. Superada esta pena, ele recebe uma segunda punição : a cegueira. Mas a visão é-lhe devolvida em sua forma incorpórea : ele adquire o dom de enxergar o futuro. A prisão subjetiva de Narciso, imobilizado por um desejo contraditório de separação e de indiferenciação, contrasta com a expansão cognitiva de Tirésias que, privado da imagem do espaço que o cerca e enriquecido pela experiência de tornar-se outro, torna-se capaz de enxergar para além do tempo presente que lhe é atrelado.

De que recursos nós, narcisos contemporâneos, dispomos para enxergarmos, tal como Tirésias, para além do nosso mundo íntimo ? Dois elementos presentes nestes mitos, a corporeidade e a experiência de privação, oferecem-nos pistas para abordar esta questão contemporânea.

Nota curricular:

Simone Paterman é professora no departamento de Línguas, Cultura e Intercultural na École des Mines, Paris. Sua pesquisa de tese sobre as figurações do mito de Tirésias (Filosofia, Université Paris 8) conduziu-a à sua presente investigação sobre questões contemporâneas, cognição e subjetividade.

Teresa Carvalho

(Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra)

*Narciso e a poesia portuguesa contemporânea
– leituras de um mito*

Palavras-chave: mito, poesia portuguesa, modernidade, rosto, autorretrato, ironia.

Na tradição mitológica clássica, poucos mitos terão deixado tantos traços na poesia portuguesa contemporânea como o mito de Narciso, ora sob a forma de referências directas, ora de alusões fugidias, mas plenas de significado. Propõe-se esta comunicação centrar-se em quatro poetas contemporâneos: Vitorino Nemésio, Jorge de Sena, Manuel António Pina e Nuno Júdice.

Nota curricular:

É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e mestre em Poética e Hermenêutica. A sua prática ensaística encontra-se dispersa por estudos introdutórios, prefácios, volumes colectivos, jornais e revistas. É autora do volume *55 Vidas e Obras de Grandes Autores Portugueses* (SPA, 2012) e do livro de ensaios *Alface. Levantar as saias ao diabo* (2017). Colabora com o Departamento de Promoção Cultural da Sociedade Portuguesa de Autores e faz crítica literária no jornal *i*.

Teresa Jorge Ferreira

(IELT – NOVA FCSH / Instituto de Estudos de Literatura e Tradição
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa)

«Narciso» de Luís de Montalvor: autorretrato como poeta decadentista

Palavras-chave: Narciso, Luís de Montalvor, Autorretrato, Poesia, Autor, Decadentismo

Reconhecendo a existência de múltiplas leituras e reescritas do mito de Narciso ao longo do tempo, esta comunicação pretende examinar o efeito autorretratístico do nome Narciso a partir da análise do poema «Narciso» de Luís de Montalvor, publicado em 1915 no segundo número da revista *Orpheu*. Explora-se a relação da composição de Montalvor com os textos *L'après midi d'un faune* de Stéphane Mallarmé e «Narcisse parle» de Paul Valéry, bem como as afinidades entre o poema «Narciso» e o trabalho «Tentativa de um ensaio sobre a Decadência», também de Montalvor, para propor que este «Narciso» é um autorretrato do seu autor como poeta decadentista.

Nota curricular:

Teresa Jorge Ferreira é membro integrado do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, IELT – NOVA FCSH. É doutorada em Estudos Portugueses – Estudos de Literatura (2019) e mestre em Estudos Portugueses – Literatura Portuguesa (Época Contemporânea) (2009) pela NOVA FCSH. Foi bolseira de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2014-2018) e leitora do Instituto Camões (2007-2012).

Thiago Cavalcante Jeronimo

(Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil/ Universidade do Minho, Braga, Portugal)

A retomada dialógica do mito de Narciso na produção de Tania Kaufmann

Palavras-chave: Tania Kaufmann. Mito. Narciso. Antiepifania. Literatura brasileira. Dialogismo.

Esta comunicação aproxima a narrativa contemporânea “Um rosto”, de Tania Kaufmann, ao mito de Narciso, registrado na obra *Metamorfose*, de Ovídio. Busca-se averiguar de que forma a escritora brasileira reatualiza o mito supracitado em contexto com sua protagonista, corporificada no início dos anos dois mil, data da publicação de *O instante da descoberta*, primeiro e único livro de contos da autora. A narrativa de Kaufmann se projeta pondo na superfície do discurso a história de Luciana, uma mulher com obsessiva preocupação com sua aparência. A fundamentação teórica, dentre outros aspectos, recupera os estudos mitológicos preconizados por Mircea Eliade, a interpretação de Elaine Cristina Prado dos Santos acerca da imobilidade condizente ao processo metamórfico, a questão dialógica da eventicidade do ser proposta por Mikhail Bakhtin e a formulação de antiepifania pontuada por Olga de Sá. Percebe-se que o desfecho do conto de Kaufmann, assim como o poema de Ovídio, são trágicos. Narciso deixa-se entorpecer por sua aparência física e, inerte, conflui à metamorfose que lhe fora destinada, transformando-se em rosa. Tania Kaufmann, com um final irônico e metafórico, direciona toda essência da personagem Luciana à joia que esta, após sua morte, deixa como herança aos seus filhos, isto é, a característica de vaidade da personagem é imobilizada e orientada à pedra preciosa. Situação peculiar à concretização da metamorfose: a imobilidade. Ocorrência que aproxima as duas narrativas, mitológica e contemporânea, pondo-as em diálogos no tocante aos mitemas analisados: o espelho, a morte física, a metamorfose, a inquietude no amor, a incomunicabilidade.

Nota curricular:

Doutorando em Letras no âmbito do Programa de Doutorado Sanduíche (CAPES) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e pela Universidade do Minho, com pesquisa voltada às obras de Clarice e de Elisa Lispector. Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie onde defendeu a dissertação - Figurações do romance de formação e recursos discursivos em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, Clarice Lispector (2016), pesquisa finalista do Prêmio Luiz Antônio Marcuschi de Teses e Dissertações - pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, ANPOLL (2018). Editor discente da Revista *Todas as Letras* - Universidade Presbiteriana Mackenzie. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6058830530078717>

Tiago Cerejeira Fontes

(DF, Universidade do Minho)

Contemplando Narciso: o mito de Narciso no De Amore de Marsílio Ficino e no Settenario de Alessandro Farra

Palavras-chave: Mito de Narciso; Marsílio Ficino; Alessandro Farra; platonismo renascentista; interpretação.

No processo de redescoberta, preservação e disseminação do pensamento grego antigo e, ainda, de redescoberta de obras essenciais do *corpus hermeticum*, no seio da época renascentista, a figura do eminente pensador platónico Marsílio Ficino revela-se absolutamente incontornável. De facto, entre 1462/1489, sob o impulso e proteção de Cosimo e de Piero de' Medici, Marsílio vai implementar e desenvolver todo o gigantesco esforço de tradução da totalidade do 'cânone' platónico, da totalidade da obra platónica, e ainda, de catorze tratados do Corpus Hermeticum, processo esse cujo impacto se vai revelar absolutamente decisivo no seio da produção literária e filosófica do renascimento, isto porque uma tal tradução fundamentou a possibilidade de pela primeira vez desde a antiguidade se ler e conhecer verdadeiramente a totalidade da obra platónica.

Em conjugação com este impressionante trabalho de tradução, o nosso pensador, igualmente sob o impacto dos membros da família Medicis, desenvolveu todo um conjunto de comentários à obra platónica, nos quais se percebe o desvelar de um esforço reflexivo profundamente marcado pelo platonismo, ou melhor, revela-se o desvelar de uma profunda convicção da possibilidade de compatibilização e conciliação do platonismo com o cristianismo.

Entre 1468/1469, Marsílio Ficino compôs o *Commentarium in Convivium Platonis*, também conhecido por *De Amore*, um extenso, brilhante e complexíssimo comentário ao *Symposium* de Platão. No sexto discurso do referido comentário, discurso que se revela essencialmente ou em grande parte dedicado ao problema do amor humano, o nosso pensador insere (isto porque não surge tal referência no texto platónico) e desenvolve uma profunda, curiosa, mística e alegórica interpretação do mito de Narciso. Interpretação essa, de forte e marcada influência neoplatónica, com interessantes relações com concepções provenientes da literatura hermética (*Corpus hermeticum*), em que se revela, de certa forma, a percepção de um fascinante processo de transformação e, mesmo, de subversão do sentido original do texto de Ovídio, ergue-se como uma peça ou um elemento de fundamental importância para uma mais profunda compreensão da complexa dimensão filosófica e mesmo teológica desta obra.

Em 1571, Alessandro Farra, um interessante mas pouco conhecido pensador italiano associado aos círculos platónicos e a certas correntes pitagórico-herméticas do renascimento, compôs um tratado intitulado *Settenario dell'humana riduzione*. Refira-se que este tratado ergue-se ou revela-se como uma das mais paradigmáticas e essenciais expressões teóricas e intelectuais da filosofia emblemática renascentista. Na sétima parte desta obra, parte essa intitulada '*Filosofia simbolica overo delle imprese*', tratando dos símbolos pitagóricos descortina-se uma riquíssima, simbólica e profundamente espiritual interpretação do mito de Narciso, concedendo Farra uma particular relevância à figura de Eco percebida como manifestação ou expressão simbólica do divino.

Preende-se nesta comunicação desenvolver uma apresentação das interpretações de Marsilio Ficino e de Alessandro Farra do mito de Narciso.

Virgínia Boechat

(AgroParisTech , França)

De monstros, feitos falsificados e espaços simulados: fake news de ontem e de hoje

Palavras-chave: Fake news; Literatura de viagens; Viagem na literatura; Literatura e media; Monstros; Mirabilia.

Verdade, verossimilhança, pacto de veracidade com o leitor ou com o espectador, estas são algumas das categorias manipuladas no processo de criação de um discurso literário, jornalístico ou audiovisual que tenha como objetivo reformular e redirecionar as noções humanas sobre a realidade, como as atuais fake news. É possível, porém, que a divulgação massiva de informações alienantes seja um fenômeno existente há séculos em alguns tipos de discursos. De uma parte da literatura de viagens a certos vídeos do Youtube, têm-se conjuntos dotados de um estatuto de testemunho, notícia ou documento, e destinados a um vasto público, mas nos quais não são raros avistamentos de monstros, relatos de feitos falsificados e de espaços simulados; são obras que logram alguma recepção fundada no pacto de veracidade, mesmo com seus conteúdos fantasiosos. Em que medida essas informações alienantes seriam releituras de tradições literárias da Idade Média e da Antiguidade? Em que medida seriam reflexos de sujeitos e de visões de mundo de uma época? E em que medida seriam manipulações propositais com fins de poder, dominação, publicidade ou autopromoção? Busca-se percorrer essa série de perguntas em torno das chamadas fake news, um problema tido como uma das grandes ameaças da contemporaneidade.

Nota curricular:

Virgínia Boechat é professora de língua portuguesa no Institut des Sciences et Industries du Vivant et de l'Environnement – AgroParisTech. Entre 2014 e 2016, realizou na Universidade de Aveiro pesquisa de pós-doutorado sobre a literatura portuguesa de viagens do século XVI. Lecionou na Universidade Federal do Pampa, na área de literatura, entre 2012 e 2013. Possui Doutorado pela Universidade de São Paulo, concluído em 2011.



apoios

Apoios ao evento:

universidade de aveiro  **dlc** departamento de línguas e culturas

universidade de aveiro  **cllc** centro de línguas, literaturas e culturas

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Este evento foi financiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do projeto UID/ELT/04188/2019

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso





universidade de aveiro
theoria poiesis praxis